



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

OSIAS GUEDES ALBERTO

**ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA E PROSÓDICA DE EMPRÉSTIMOS
LEXICAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA LÍNGUA TIKUNA**

Campinas, SP

2021

OSIAS GUEDES ALBERTO

**ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA E PROSÓDICA DE EMPRÉSTIMOS
LEXICAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA LÍNGUA TIKUNA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora Dr^a: Maria Filomena Spatti Sândalo

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Osias Guedes Alberto e orientada pela Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sândalo.

Campinas, SP

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

AL14a Alberto, Osias Guedes, 1994-
Análise da adaptação fonológica e prosódica de empréstimos lexicais da língua portuguesa na língua tikuna / Osias Guedes Alberto. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Maria Filomena Spatti Sândalo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Empréstimo de palavras. 2. Léxico. 3. Língua portuguesa - Brasil. 4. Fonologia. 5. Língua tikuna. I. Sândalo, Maria Filomena Spatti, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Analysis of phonology and prosodic adaptation of portuguese language lexical loans in the tikuna language

Palavras-chave em inglês:

Loan words

Lexicon

Portuguese language - Brazil

Phonology

Tikuna language

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Maria Filomena Spatti Sândalo [Orientador]

Angel Humberto Corbera Mori

Marília Lopes da Costa Facó Soares

Data de defesa: 29-04-2021

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-5447-1233>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4039879243453283>



BANCA EXAMINADORA:

Maria Filomena Spatti Sândalo

Angel Humberto Corbera Mori

Marília Lopes da Costa Facó Soares

**IEL/UNICAMP
2021**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedicatória

*Dedico este trabalho ao meu pai Bichara André
Alberto, a minha mãe Antônia de Almeida
Guedes e aos meus irmãos, tios, primos e
amigos.*

Agradecimento

Em primeiro lugar agradeço a Deus por tudo o que é de bom ele tem me dado; força, coragem, inteligência, principalmente, saúde durante esta minha trajetória acadêmica neste tempo pandêmico.

Aos meus pais mesmo não sabendo o que significa cursar mestrado não medirem esforço a se dedicarem por mim, porque sem eles não chegaria neste momento tão importante na minha vida.

Agradeço grandemente a querida professora Sebastiana Fernandes Barros, professora do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, a pessoa que no início desta minha trajetória possibilitou minha viagem desde a cidade de Tabatinga-AM e até o momento da minha chegada a cidade de Campinas-SP.

Da mesma maneira agradeço também a minha orientadora professora Doutora Maria Filomena Spatti Sândalo, por toda orientação que recebi, pela paciência que teve comigo durante o desenvolvimento desta pesquisa. Pois, sei que se não fosse a sua orientação não conseguiria chegar a nenhum lugar e este trabalho não teria possibilidade de ser concretizado.

Aos professores Doutor Angel Humberto Corbera Mori e Doutor Wilmar D'angeles por terem me acolhidos de braços aberto durante a minha chegada na cidade de Campinas – SP, especificamente, no distrito Barão Geraldo, Campinas - SP.

A professora Doutora Patrícia Prata que no primeiro momento se disponibilizou a me acolher na sua residência. De igual maneira a professora Doutora Alik Wunder.

A programa de pós-graduação em linguística do Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/UNICAMP, por ter adotado a política das ações afirmativas que possibilita o ingresso dos estudantes indígenas no curso de graduação, mestrado e doutorado.

De forma especial não pode deixar de agradecer a agência de fomento, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, por ter concedido bolsa de estudo durante esse 24 meses que eu levei/que estive longe da minha família.

A editora Maria Cecília de Sá pela edição do trabalho na língua portuguesa.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever e analisar um corpus de palavras originárias do português brasileiro amazonense adaptadas fonologicamente na língua tikuna. Especificamente, mostramos nesta dissertação como as palavras que têm origem no português foram acomodadas na gramática do tikuna, pois entender como estas adaptações ocorrem é também entender a gramática do tikuna. Para alcançarmos o nosso objetivo, desenvolvemos uma metodologia que consistiu na criação de um grupo via rede sociais *Whatsapp* denominado a língua tikuna no processo de estudo, o qual contou com 11 professores tikuna e alunos de ensino fundamental, médio e de graduação, num total de 154 pessoas, a maioria da etnia Tikuna. Somente dados de falantes nativos de tikuna foram utilizados. Neste trabalho, observamos fenômenos prosódicos e segmentais. Assim, analisamos a de epêntese em sílabas complexas do português e a conseqüente ressilabificação. Em seguida, observamos que há palavras que preferem apagamento de segmentos ao invés de epêntese na adaptação silábica. Observamos que o tamanho da palavra tem um papel no fenômeno a ser usado (epêntese vs. apagamento de segmentos). Então, analisamos a substituição segmental em empréstimos. Finalmente a aquisição de tons nas palavras oriundas do português foi investigada. Chegamos nas seguintes conclusões: as palavras do português se adaptam ao sistema de fonemas e ao tipo silábico do tikuna. No entanto, as palavras adaptadas recebem um acento tonal, isto é, um contorno tonal ML (médio baixo). A adaptação tonal envolve o surgimento de uma nova gramática de acento tonal para o grupo de palavras que não tem origem tikuna. Observamos ainda que o uso code switching é bastante grande entre jovens e analisamos os resultados a partir da teoria de contato de Thomason & Kaufman (1988).

Palavras – Chaves: Empréstimo de palavras, Léxico, Língua portuguesa, Fonologia, Língua tikuna.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze a corpus of words from the Amazonian Portuguese adapted phonologically in the Tikuna language. Specifically, we show in this dissertation how Portuguese words were adapted in the Tikuna grammar, since understanding how these adaptations occur is also understanding the grammar of Tikuna. To achieve our goal, we developed a methodology that consisted of creating a group via social network Whatsapp called the Tikuna language in the study process, which had 11 Tikuna teachers, but also elementary, high school, and undergraduate students, in a total of 154 people, the majority of Tikuna ethnicity. Only data from native Tikuna speakers was used. In this work, we observe prosodic and segmental phenomena. Thus, we analyzed epenthesis in complex syllables of Portuguese and the consequent re-syllabification. Then, we observed that there are words that prefer deleting segments instead of epenthesis in the syllabic adaptation. And we have observed that the word size has a role in the phenomenon to be used (epenthesis vs. deletion of segments). Then, we analyzed the segmental substitution in loans. Finally, the acquisition of tones in Portuguese words was investigated. We have arrived at the following conclusions: the Portuguese words adapt to the phoneme system and to the tikuna syllabic type. However, the adapted words have an emergent tonal accent, that is, a tonal contour ML (medium low). Tonal adaptation involves the emergence of a new tonal accent grammar for the group of words that have no Tikuna origin. We also observed that the use of code switching is quite large among young people and analyzed the results based on the contact theory of Thomason & Kaufman (1988).

Key words: Loan words, Lexicon, Portuguese language, Phonology, Tikuna language.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	Yo'i pescando no Eware.....	17
Figura 2	Mapa de localização do povo Tikuna.....	18
Figura 3	Espectograma Tcharapu.....	48
Figura 4	Espectograma Tchiriga.....	49
Figura 5	Espectograma Tchapatu.....	56
Figura 6	Espectograma Panera.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Vogais orais e nasais no tikuna Soares (1986).....	41
Tabela 2	Vogais orais e nasais no tikuna Montes (1995;2004).....	41
Tabela 3	Fonemas consonantais no Tikuna.....	50

LISTA DE ABREVIATURA

1. CSTB	Centro de Estudos Superiores de Tabatinga
2. UEA	Universidade do Estado do Amazonas
3. SESAI	Secretária Especial de Saúde Indígena
4. UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
5. FUNAI	Fundação Nacional do Índio
6. INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
7. CV	Consoante Vogal
8. CCV	Consoante Consoante Vogal
9. PB	Português brasileiro
10. NU	Núcleo
11. COD	Coda

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1. Introdução.....	14
1.1. Objetivos.....	15
1.2. Justificativa.....	16
1.3. Breve histórico do povo tikuna e a sua localização.....	16
1.4. Sobre o contato do povo tikuna com homens ocidentais.....	19
1.5. Breve revisão da literatura.....	23
1.5.1. Anderson (1959).....	24
1.5.2. Bonifácio (2019).....	24
1.5.3. Carvalho (2017).....	24
1.5.4. Lowe (1960).....	24
1.5.5. Soares (1986; 1992).....	25
1.5.6. Montes (1995; 2004-2005).....	26
1.5.7. Angarita-watchãücü (2005).....	26
1.5.8. Braga (2010).....	26
1.5.9. Carvalho (2010).....	26
1.5.10. Gomes-pulgarín (2012).....	27
1.6. Coleta de dados.....	27
1.6.1. Processo de levantamento de dados.....	27
1.6.2. Sobre os grupos.....	28
1.6.3. Procedimento de análises e instrumentos.....	28

CAPÍTULO II

2. Arcabouço teórico.....	30
2.1. Contato entre línguas.....	30

2.1.1. Bilinguismo.....	31
2.1.2. Contato e mudança linguística.....	33
2.1.3. Um segundo caso de troca de língua por contato.....	34

CAPÍTULO III

3. Análise e discussão dos dados.....	35
3.1.Epêntese e ressilabificação.....	35
3.2.As vogais epentéticas.....	40
3.3.Variação na ressilabificação de empréstimos.....	43
3.4. Apagamento de nasalização.....	47
3.5. Substituição segmental das emprestadas.....	49
3.5.1. Segmentos coronais.....	50
3.5.2. Laterais	51
3.5.3. Róticos.....	52
3.5.4. Labiais.....	53

CAPÍTULO IV

4. O sistema tonal da língua tikuna.....	55
4.1.O acento do português para o tom no tikuna.....	55
Tikuna, contato e perda linguística: considerações finais.....	58
Referências Bibliograficas.....	61

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação traz uma descrição e análise de palavras emprestadas provenientes da língua portuguesa, fonologicamente adaptadas na língua tikuna.

Cabe aqui uma nota sobre o termo emprestado/a. Emprestar algo em relação aos objetos concretos a outra pessoa é pedir e levar um objeto que não pertence a este lugar e, depois, quando você não precisar mais poderá ser devolvido ao seu dono. Para tanto, quando se fala de patrimônio linguístico, significa dizer que as palavras provenientes de outra comunidade de fala não podem ser consideradas emprestadas, mas sim, incorporadas na gramática da língua receptora. Mostraremos nesta dissertação como as palavras que têm origem no português foram acomodadas na gramática do tikuna, pois entender como estas adaptações ocorrem é também entender a gramática do tikuna.

Câmara Jr (1977:76) afirma que,

este termo [empréstimo] tem sido uma ou outra vez criticado. Há quem admite o termo porque a forma que é tomada de outra língua não é devolvido para que se possa dizer que foi emprestada; seria o caso de sugerir-lhes que empreguem então a locução - “empréstimo com calote linguístico”. (CÂMARA JR 1977, P. 76 CITADO POR MANZOLILLO 2014, P. 05)

O povo Tikuna divide-se em três países amazônicos fronteiriços: Brasil, Colômbia e Peru. O tikuna é considerado como uma língua isolada, isto é, não classificada em família linguística e se distribui pelo rio Alto Solimões sendo falada por mais de 45.000¹ mil pessoas em mais de 120 comunidades², como também por algumas pessoas Tikuna moradoras das cidades daquela região. No entanto, há comunidades que deixaram de falar tikuna dada toda a situação de dominação que será relatada mais adiante.

¹ Dado disponível na pesquisa de Nabaroa (2015). Na seção em que falamos sobre o povo apresentaremos o dado completo consta no trabalho de pesquisadora.

² Além de propomos a quantidade de comunidade em que moram os tikuna, pode ser que há mais comunidades além das comunidades já foram registradas no estudo realizados pelos pesquisadores.

Embora seja considerada uma língua isolada, há um trabalho de Carvalho (2010, p. 10) que explora uma possível classificação:

Embora a língua tikuna seja considerada geneticamente isolada, já foi suposto que pertencesse à família Aruak, mais recentemente, a um grupo putativo chamado “Macro Tucano” em que formariam um subgrupo com a língua Yuri (já extinta) em associação com o Aikanã, Huari, Kapixana (Kanoê), Puinave e às famílias Nambikwara, Maku e Tukano.

A temática deste trabalho surgiu a partir de leituras feitas durante a produção do trabalho de conclusão do curso de graduação no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Um trabalho que chamou minha atenção em particular foi (SOARES 2014). Tomando como base alguns livros escritos em tikuna, Soares separou algumas palavras emprestadas de língua portuguesa para a língua tikuna e afirmou que a gramática dos empréstimos ainda necessitava de estudos.

Este trabalho divide-se em quatro capítulos, sendo que neste capítulo apresentamos os objetivos gerais e específicos; a justificativa – na qual explicamos o porquê da escolha desta temática; mostramos brevemente o histórico do povo e a região em que habita, o primeiro contato do povo Tikuna com os colonizadores europeus; a revisão de trabalhos dos pesquisadores que estudaram esta língua indígena; e no final, a apresentação da nossa coleta de dados, ou seja, a metodologia de estudo.

No capítulo 2, apresentamos nosso referencial teórico, em especial nas possibilidades de troca e morte linguística discutidas em Thomason & Kaufman (1988).

No capítulo 3, apresentamos os nossos resultados sobre silabificação e epêntese em empréstimos lexicais, e sobre adaptações segmentais.

No capítulo 4, discutiremos o que ocorre em empréstimos de uma palavras de uma língua não tonal para uma língua tonal.

1.1. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é detectar, descrever e analisar a gramática dos empréstimos da língua portuguesa que ocorrem atualmente na língua indígena tikuna. Veremos muitas vezes que é a própria gramática do tikuna que emerge, mas em outras, uma nova gramática é que emerge, diferente do tikuna e do português.

A gramática do tikuna aparece principalmente na organização silábica das palavras emprestadas. Mas na análise do que ocorre no sistema tonal nas palavras emprestadas, visto que o tikuna é uma língua tonal e o português não é, observamos o surgimento de uma nova gramática.

1.2. JUSTIFICATIVA

Não há ainda estudos sobre a fonologia de empréstimos no tikuna, principalmente sobre aspectos prosódicos como sílaba e tom. Este trabalho, portanto, se concentra nestes aspectos prosódicos.

O contato do tikuna com o português e o espanhol é já antigo e teve início com os missionários católicos e protestantes italianos, portugueses e norte-americanos.³ Mas este contato tem se intensificado enormemente e, em algumas comunidades, atualmente, há a preponderância cultural e linguística do português. Assim, podemos dizer que em tikuna há muitas palavras que são inexistentes no componente linguístico tradicional, mas que são mantidas de maneira incorporada, adaptadas ao sistema gramatical do tikuna.

1.3. BREVE HISTÓRICO DO POVO TIKUNA E A SUA LOCALIZAÇÃO

De acordo com Nimuendaju (1929), o termo tikuna é derivado de língua de outro povo indígena, denominado tupi-guarani. Este termo então significa, etimologicamente, “*gente de corpo pintada de negro ou gente negra*”, ou seja, aquele povo que se pinta com tinta de jenipapo.

O povo tikuna conforme a sua mitologia, originalmente, é uma etnia pescado por um Deus chamado *Yo'i*⁴, com sementes de jenipapo e com pedaços de mandioca, em um lugar onde havia uma fonte de água que corria, esse lugar então é chamado de *Eware-Magüta*⁵. O povo surgido desse acontecimento é conhecido até os dias atuais como povo tikuna, ou ainda como *Magüta ou Pogüta*, que significa ‘aquele povo que foi pescado’.

³ Essa informação contida neste parágrafo advém da minha experiência de vida na aldeia/comunidade como pertencente ao povo Tikuna. E é fator histórico da convivência, durante o período do Brasil colonial, entre índios e não índios, que nós chamamos de “brancos”.

⁴ Neste estudo não é nosso objetivo contar sobre as características dos personagens mitológicos, por isso, aqui, fazemos uma breve descrição não aprofundado.

⁵ Histórias contadas pelos Tikuna mais velhos (anciãos) que ainda se encontram nas comunidades. E ainda é considerado como terra sagrada segundo a visão do povo tikuna.

Figura 01



Fonte: <https://docplayer.com.br/docs-images/82/85746979/images/134-0.jpg>

Segundo as narrativas Tikuna, antes mesmo de se aproximarem dos não indígenas, eles tiveram conflito com uma outra etnia, os Omágua⁶. Segundo os anciãos Tikuna, os Omáguas foram etnicamente extintos por força de uma maldição dos caciques e pajés da etnia Tikuna⁷.

A etnia Tikuna, segundo os dados da Secretária Especial de Saúde Indígena-(SESAI), é considerada a maior população indígena do Brasil. A extensão territorial das comunidades que estão na parte amazônica brasileira foi politicamente demarcada conforme o Estatuto do Índio, na constituição federal de 1988. Segundo Nabaroa (2011), os Tikuna estão posicionados na região da fronteira do Brasil com a Colômbia e com o Peru, “a população total atualizada é

⁶ Esta etnia era chamada Omágua e atualmente acredita-se que são o povo Cambeba.

⁷ Este trecho está baseado nas histórias tradicionais do meu povo, segundo tenho ouvido em toda a minha formação e pesquisa acadêmica, durante meu trabalho de conclusão do curso-TCC de graduação.

avaliada em aproximadamente 45.000 indivíduos no Brasil, 8.000 em Colômbia e entre 5.500-6.000 em Peru” (GOULART *OP. CIT.* NABAROA 2011).

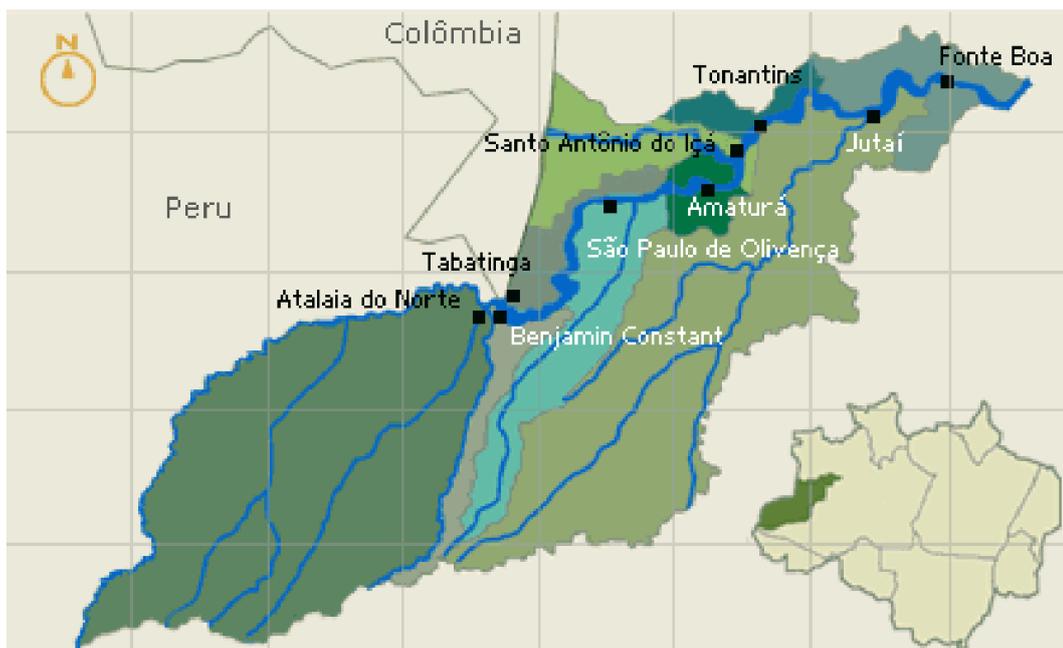
Os Tikuna estão situados na região do Alto Solimões no Brasil e passaram por uma história marcada por muitos massacres por parte de seringueiros, pescadores e madeireiros desta região. Este acontecimento histórico que envolve os Tikuna brasileiros é lembrado como um “único choro e derramamento de grande densidade de sangue indígena do alto Solimões na foz do igarapé Capacete, próxima às comunidades indígenas São Leopoldo, Porto Lima e São Francisco” (OLIVEIRA, 1988).

Segundo Carvalho (2015, p. 37):

O povo Tikuna do alto Solimões está atualmente dividido em mais de 120 comunidades, que são distribuídas desde a calha do rio Solimões até o alto dos igarapés e estão próximos aos nove diferentes municípios que compõem o Alto Solimões, dentre eles encontra-se Tabatinga, um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, região norte do país. Pertencente à mesorregião do Sudoeste Amazonense e microrregião do Alto Solimões. (CARVALHO, 2015 p. 37):

Além do município de Tabatinga, o povo Tikuna também está distribuído nas zonas rurais e em outras áreas urbanas, como das cidades de Benjamin Constant, Amaturá, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e outras fora da região do Alto Solimões:

Figura 02



Fonte: Carvalho (2017) *apud* SIT, disponível em: <http://sit.mda.gov.br>

Como é possível verificar nos nomes das comunidades listados abaixo, segundo o levantamento de Soares (2014, p.129) citado por Flores (2018, p. 28);

Barreira da Missão – Barreira de Cima, Betel e Nova Esperança; Betania – Patιά, Lago Grande, Betania e Monte das Oliveira/ Japacuí; Bom Intento – Novo Paraíso e Bom Intento; Espírito Santo – Espírito Santo e Novo Progresso; Estrela da Paz – Boa Vista, Estrela da Paz/Bugaio e Inglaterra; Eware I – Santa Clara, Nova Jordania, Marco da Redenção, Floresta Amazonica, Torre da Missão, Porto Velho, Santa Teresinha, Campo Alegre, Nova Santarem, Nova Vila, Bairro Independente, Santa Isabel, Santa Inês, São Domingos II, São João, São Domingos I, Vendaval, Carana, Nova Ressurreição, Boa Vista, Cajari I, Bairro Vermelho, Cajari II, Bananal, Deregüne, São Jerônimo, Palmari, Belém dos Solimões, Novo Maranhão, Nova Esperança, Água Limpa, Ourique Monte Sinai, Nova Extrema, Cigana Branca, São Joaquim, Piranha, Nova Jutai, Emaú, Nossa Senhora de Nazaré, Cacimbão, Pena Preta, Nova Aparecida, Santa Rosa, Novo Cruzador e São Fernandes Barreirinha; Evare II – Centro Bom Jesus, Nossa Senhora de Nazaré, Baía, Parapara II, Parapara I, Nova Jerusalem, Novo Lugar, Enepi, Otawari (Porto Alegre), Ribeira, Novo Paraíso, Supão, Nazaré, Assacaia, Uruaá, Novo São José e Vera Cruz; Feijoal – Cidade Nova Feijoal, Porto Alegren e Canaã; Lauro Sodré – São João de Veneza, Guanabara e Lauro Sodré; Macarrão – Bacabal, Castanhal e Santa Fé; Maraita – Maraita e Palmeira do Norte; Matintim – Boa Vista, Novo Dia e Vista Alegre; Nova Esperança do Rio Jandiatuba – Nova Esperança e Porto Alegre; Porto Espiritual – Porto Espiritual e Nova Vida; Porto Praia – Porto Praia; Santo Antonio – Bom Caminho, Filadelfia e Porto Cordeirinho; São Francisco do Canimari – São Francisco do Canimari; São Leopoldo – São Francisco, Novo Porto Lima e Bom Pastor I; Tupã Supé – Tupã Supé; Uati Paraná – Airuá, Marimari e São Pedro; Umariçu – Umariçu e Cristo Salvador; Vui-Uata-In (Nova Italia) – Bom Pastor, Canimaru, Nova Galileia, Nova Italia, Umarirana e Vila Tambaqui. (SOARES 2014, p.129) citado por (FLORES 2018, p. 28)

Na zona rural do médio Solimões estão situados os municípios de Tefé, Beruri, Anamã, Alvarães, Fonte Boa, Manacapuru, Coari etc.⁸. No capital do estado do Amazonas (Manaus), os Tikuna estão centralizados numa comunidade (ou bairro) conhecida como cidade de Deus ou *Wotchimaüicü*⁹.

Na Colômbia, segundo Angarita (2005), os Tikuna vivem no trapézio amazônico formado pelas cidades de Letícia e Puerto Nariño, sobretudo nas comunidades Lago, San José de Quilômetro 06 de Letícia, Arara, Nazareth, Zaragoza, Macedônia, entre outras aldeias aqui não identificadas.

⁸ Esses nomes das cidades são registrado também na pesquisa realizada por Flores (2018, p. 25)

⁹ Nome dado a uma localidade dentro da cidade de Manaus, esse nome pertence ao clã de Avaí.

No Peru, a população Tikuna se posiciona nas cidades de Santa Rosa de Yavari e Caballo Cocha, principalmente nas aldeias Erene, Dois de Mayo, Bella Vista de Cayaru, Cuchillo Cocha, Bufe Cocha e diversas outras aldeias, não identificadas neste trabalho.

Em suma, pode-se dizer que o povo Tikuna vem se desenvolvendo de maneira ampliada no interior das comunidades acima citadas, não apenas nessas aldeias, mas também nas que integram as localizadas nas cabeceiras de igarapés (ou *Nãtügü*) de toda parte do Alto Solimões. E há também, como foi citado, os Tikuna que já são moradores das cidades, que nós consideramos pessoas cidadinas ou urbanizadas.

1.4. SOBRE O CONTATO DO POVO TIKUNA COM HOMENS OCIDENTAIS

Segundo Nimuendaju (1977) *apud* Carvalho (2017),

Os primeiros contatos dos Tikuna com os brancos datam do final do século XVII, quando jesuítas espanhóis, vindos do Peru e liderados pelo Padre Samuel Fritz, criaram diversos aldeamentos missionários às margens do Rio Solimões. Essa foi a origem das futuras vilas e cidades da região, como São Paulo de Olivença, Amaturá, Fonte Boa e Tefé. Tais missões foram dirigidas principalmente para os Omáguas, que dominavam as margens e as ilhas do Solimões, impressionando fortemente os viajantes e cronistas coloniais pelo seu volume demográfico, potencial militar e pujança econômica (NIMUENDAJU 1977 *apud* CARVALHO, 2017)

Segundo Nimuendaju, além disso, pessoas vindas do Ceará entraram até a região do Alto Solimões para a exploração e extrativismo da borracha, principalmente a partir do momento em que instalaram o mercado de borracha no local.

Segundo o mesmo pesquisador, o local em que o primeiro contato aconteceu com os índios Tikuna foi num lugar chamado Belém, atualmente considerada como maior comunidade indígena. Nimuendaju (1929) *apud* Oliveira (1988), mencionou que aquela área era dominada por um “patrão” seringalista chamado Romualdo Mafra que mais tarde deixou de ser dono daquele lugar por ter adoecido e mais tarde falecido. No momento quando Nimuendaju, pela primeira vez, visitou algumas partes da região do Alto Solimões, como por exemplo, Igarapé de Belém e Takana Oliveira, o autor mencionou que havia por volta de 500 moradores Tikuna.

É possível entender esse maior domínio de patrões seringalistas aconteceu na região do Alto Solimões, segundo Oliveira (1988):

No primeiro quartel do século a família Mafra dominava quase todas as áreas onde habitavam os Tikuna. Um irmão de Romualdo, Manoel Mafra, mantinha uma extensa (embora curta) faixa de terra na beira do Solimões, abrangendo ao lago Cajari e o igarapé São Jerônimo (chamado pelos índios em sua língua de *Tunetü*), com o seu afluente, o igarapezinho (também chamado igarapé preto do São Jerônimo), que ocorre paralelo ao Solimões até próximo ao rio Solimões, exercendo um controle sobre os lagos no interior do Paraná Ribeiro e do Assacaio. (OLIVEIRA 1988, p. 74)

E ainda:

o barracão de Manoel Mafra ficava em uma elevação à beira do Solimões, próximo à boca do igarapé São Jerônimo, no local chamado Santa Cruz. segundo estimativas de 1917, habitavam 400 Tikuna naquele paraná e no interior do igarapé São Jerônimo e do igarapezinho, havendo ainda mais 40 ou 50 moradores no Cajari. Em um relatório datado de 1919, o mesmo inspetor refaz as suas estimativas, falando em 35 índios, 149 desses no Cajari. **todos esses índios, eram, então, fregueses de Manoel Mafra** (vide Mirandolino Caldas, cartas – arquivo do CDE-MI). Mais tarde Nimuendaju (1929) avalia em 80 os habitantes do Cajari, dando como 300 os moradores do igarapé São Jerônimo. (OLIVEIRA 1988, p. 74) (grifo nosso).

Os textos deste autor revelam que, historicamente, o povo indígena Tikuna havia sido contatado e ao mesmo tempo tutelado por aquela família seringalista de forma violenta, tendo sido usado como mão-de-obra sem remuneração. Com essa grande dominação que havia na época, muitos Tikuna trabalhavam na agricultura, na pesca, e na produção de farinha. Porém, tudo o que era produzido por estas pessoas era para ser depois vendido no mercado de seus patrões, e não para seu próprio consumo.

A produção de borracha nesses seringais era em parte garantida pela atividade das famílias indígenas que, ao longo dos igarapés, dedicavam-se igualmente aos trabalhos agrícolas, à caça e a pesca. Através do oferecimento/imposição de mercadorias (atrativos e de alto custo) aos índios e da acumulação de débitos, os patrões conseguiram forçar os índios ao corte temporária da seringa, pelo menos até equilibrarem as suas contas. (OLIVEIRA 1988, p. 80)

A descrição de Oliveira nos leva a entender a triste situação do povo Tikuna naquele tempo. O autor, com base em Nimuendaju, acrescenta ainda:

Com os índios, no entanto, a situação era bem diversa, o monopólio comercial era exigido rigidamente pelo patrão e os mecanismos coercitivos eram os mais rigorosos possíveis. Um índio morador de Tacana assim descrevia as atitudes do patrão Antônio Roberto e de seu filho Jordão quando ouviam contar que algum índio estava comerciando com marreteiros: mandava algum empregado procurar bem na casa do homem. O que encontrasse, trazia, junto com ele amarrado. (OLIVEIRA (1988, p. 85).

Naquela época, não existia nenhuma legislação que defendesse e garantisse os direitos e a vida da população indígena de qualquer localidade do Brasil. Para tanto, tudo no começo atravessa uma fase de luto, que passa depois a ser luta de qualquer indígena.

As palavras do pesquisador citado abaixo nos permitem entender melhor como, no princípio, e até os dias atuais temos sido dominados por não indígenas:

As interferências dos seringalistas, sobre os costumes, com a redefinição da ocupação do espaço, o tipo de moradia, a organização econômica, constituição da família, os papéis de liderança, a realização de rituais e a proibição de pajés, eram sentidas pelos índios de forma bastante diferenciada. (OLIVEIRA, 1988 p. 130)

Nessa mesma linha, Cardoso de Oliveira (1977: 104) *apud* Oliveira (1988, p. 130) argumenta que, “os índios que habitavam próximo ao barracão sofriam um controle muito mais direto e cotidiano por parte dos seringalistas, atravessando um processo de aprendizado de novos costumes com os brancos e tendo uma ‘consciência negativa’ de sua própria condição de índio”.

É interessante notar que essa afirmação do antropólogo reflete o que ocorreu de fato, uma vez que, a meu ver, desde aquele momento em que várias pessoas passaram a serem vítimas de escravidão, começaram a questionar sua própria identidade e seu pertencimento a um grupo étnico. A dominação, imposta aos indígenas que moravam bem perto dos “patrões” seringalistas, mais tarde foi se estendendo, gradualmente, até chegar às aldeias mais distantes.

Em outras palavras,

O contato frequente com os brancos e as notícias sobre a existência dos “índios bravos” do Javari (Mayoruna, Marubo, Kanamari etc.), trazidos por seringueiros ou turmas de madeireiros (a às vezes também os Tikuna) que trabalhavam para os patrões por aqueles lados, faziam com que os Tikuna se auto identificassem não como índios (maïyu), mas como caboclos” (OLIVEIRA 1988, p. 130)

Ou seja, depois de algum tempo de contato com os brancos, em que os Tikuna eram usados como mão-de-obra, os homens que os massacraram tentaram fazer com que os Tikuna não se considerassem mais como indígenas, para que desse modo, os povos indígenas, sobretudo a nova geração, deixassem de reconhecer sua identidade e sua ancestralidade.

Pois temos visto que, na realidade,

O que mais os patrões se preocupavam em fazer respeitar eram as leis básicas para existência do seringal como empresa econômica: a) garantido a manutenção do monopólio comercial face a todos os seus fregueses; b) evitando que os índios acumulassem em sua conta um saldo para com o barracão; c) forçando os índios a desenvolver em ritmo julgado adequado as atividades que pudessem dar lucro ao barracão. Nesses aspectos, os patrões jamais relaxavam sua vigilância ou faziam concessões – e foi exatamente por aí que criaram o mito de poder do seringalista, através de uma tradição de violência que, presente na memória dos índios, era por si só um poderoso fator de persuasão e intimidação (OLIVEIRA 1988, p. 131)

Assim, os Tikuna que habitavam junto com os seringalistas eram forçados a cumprirem as ordens deles em relação à plantação de vários tipos de produtos, como a mandioca e a banana, que deveriam ser comercializados no barracão dos seus escravizadores, ou seja, nas lojas de Romualdo Mafra. E, como foi mencionado, a produção agrícola dos indígenas não os ajudava a acumular alguma renda, pois tudo o que era levado ao barracão era trocado por coisas de menor valor.

Nessa perspectiva de dominação dos Tikuna, nestes primeiros tempos da Era da Borracha, nas mãos de um dominador que subitamente se instalou sobre eles, muitos pais e mães se viram impossibilitados de se organizar tradicionalmente, pois sua produção já não era voltada ao consumo de suas famílias. Esta situação tão avassaladora, que de certa forma se estende aos dias atuais, faz com que os Tikuna se aproximem cada vez mais da maneira com que os não indígenas se definem nas suas convivências sociais.

Diante disso, o autor esclarece, na sua investigação, que os Tikuna antes de serem contatados “eram índios de terra firme basicamente caçadores, o que é claramente reiterado por diversas narrativas, onde os personagens masculinos são caracterizados como tal e o estoque alimentar reunido para realização de rituais de iniciação é precedente a caçadas” (OLIVEIRA 1988, p. 137-138). Tudo o que fazia parte da vivência peculiar dos Tikuna, durante esse processo de contato, passou por modificação. Por outro lado, nos dias de hoje, depois de terem passado pela dominação por parte dos não indígenas que construíram suas cidades muito próximas às aldeias, os indígenas têm buscado um retorno à filosofia de vida ancestral, o que é bastante visível nas comunidades Tikuna, sobretudo nas que têm mais de três mil habitantes.

Naquela época, então, o povo Tikuna foi submetido a uma situação muito triste, nas mãos daqueles que massacraram sua cultura e sua língua. E os Tikuna que tiveram sua concepção original de vida influenciada pelos não indígenas passaram a dominar outras comunidades bem mais distantes de Belém.

Isto quer dizer que desde os tempos passados até os dias de hoje, o processo de mudança da etnia tikuna é muito intenso como, por exemplo, nas questões da organização social atual das comunidades, onde se observa uma hierarquia politicamente formada pelos próprios moradores de cada agrupamento comunitário. O que ocorre é que esta hierarquia social, entre os Tikuna hoje, reflete uma política aproximativa aos da sociedade não indígena, pois a constituição de caciques e demais lideranças se dá através de uma escolha, muito diferente dos tempos antigos, conforme explicado pelos dois pesquisadores anteriormente citados. Isto porque originalmente quem comandava uma comunidade indígena eram apenas aqueles que possuíam o poder de pajelança, e não qualquer pessoa.

Nesse sentido, para governar cada comunidade Tikuna, os caciques na atualidade têm que ser escolhidos pela maioria dos moradores de cada comunidade. Eles então assumem o cargo de cacique voluntário por quatro anos, com a responsabilidade de organizar e lutar pela melhoria da população que ele comanda, entretanto, muitas vezes, as suas lutas como cacique se enquadram maioria das vezes com as do governo municipal e estadual até mesmo do governo federal através das suas associações e conselhos ou organizações.

Em suma, foi a partir daí que tudo começou. Quando se deram conta, os adolescentes e jovens viram em suas formas de comportamento e de vivência uma diferença conceptual em relação ao passado, e essa diferença está no seu modo de andar, permanecer, comer, brincar etc. E tudo isso é resultado do contato interpessoal entre os índios e os “brancos”. No entanto, este trabalho mostra que a língua tikuna resistiu embora ainda corra perigo de extinção.

1.5 BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção apresenta os estudos existentes sobre o tikuna e quais aspectos da língua já foram estudados.

1.5.1. ANDERSON (1959)

Lambert Anderson, como membro do SIL (Summer Institute of Linguistic), fez um estudo não aprofundado sobre uma variedade do tikuna falada no lado do Peru. Anderson realizou uma investigação analisando a fonêmica do sistema vocálico do tikuna. O pesquisador, então, propôs para o tikuna um sistema fonológico que contém no primeiro grupo 6 vogais orais /i i u e o a/, no segundo grupo 6 vogais laringalizadas / ĩ ĩ ũ ẽ ɔ ǻ/. Na última parte da investigação, o pesquisador deu uma breve explicação sobre o tom da língua e apontou cinco diferentes níveis de altura: alto (A), alto-baixo (AB), médio (M), baixo (B) e baixo-alto (BA).

1.5.2. BONIFÁCIO (2019)

Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio, investigou Contato Linguístico Tikuna-português no Alto Solimões-Amazonas: um estudo sobre a variedade de português falada por professores tikuna. Nesse trabalho, Bonifácio, analisou e caracterizou a variedade de português de contato falada por professores da educação básica, pertencentes à etnia Tikuna, moradores de comunidades do município de São Paulo de Olivença, na mesorregião do Alto Rio Solimões, no Amazonas.

1.5.3. CARVALHO (2017)

Ana Letícia Ferreira de Carvalho, pesquisou contato entre a língua Portuguesa e a língua Tikuna, que é falada por uma grande população que vive na Região Amazônica do país. Nesse estudo, Carvalho, pesquisou especificamente a língua portuguesa falada por estudantes tikuna que estão fazendo curso de graduação no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Sobretudo, analisou a atitude e o comportamento linguístico de seus contribuintes dentro da universidade e fora da universidade.

1.5.3. LOWE (1960)

Ivan Lowe estudou *Tikuna noun and verb morphology* (morfologia de substantivo e de verbo tikuna). Lowe lembra que o tempo verbal mais comum em tikuna parece ser o indicativo presente. O passado é formado pela simples adição da partícula {marü}, que tem o significado geral de completo ou passado. Na última seção o linguista fala sobre morfologia do substantivo, demonstrando que os substantivos em tikuna combinam-se naturalmente em quatro classes morfológicas, de acordo com o enclítico que está associado ao substantivo quando ele é usado com um modificador como demonstrativo ou como objeto.

1.5.4. SOARES (1986; 2000)

Marília Facó Soares (1986), estudou alguns processos fonológicos do Tikuna. A pesquisadora verificou que a língua tikuna apresenta os seguintes segmentos consonantais que ocorrem no início de sílabas: oclusiva glotal surda ʔ, oclusiva uvular surda q, oclusivas velares surdas k e k^w, oclusiva alveolar surda t, oclusiva labial surda p. E as seguintes consoantes

sonoras: oclusiva velar sonora g, oclusiva sonora alveolar d, oclusiva labial sonora b. E ainda uma oclusiva velar surda e aspirada k^h. E ainda a africada alveolar surda ts, africada alveolar sonora dz, e nasais velar ŋ, nasal palatal ɲ, nasal alveolar n, nasal labial m. Aproximante w, tape alveolar r.

Soares, por meio de dados obtidos através de seus informantes Tikuna com alguns moradores da comunidade Vendaval como também das outras comunidades como por exemplo, o Igarapé Preto, Soares verificou os seguintes fones vocálicos (1) orais: [i, ī, u, ɔ, ə, o, ε, ɔ, a] (1986: 104) (2) nasais: [ĩ, ī, ã, õ, ã, õ, ẽ, ã, ã] (1986: 105); (3) orais laringalizadas [ĩ, ī, u, ɔ, ɔ, ɔ, ɛ, ɔ, ɔ] (1986: 106) e (4) nasais laringalizadas [ĩ, õ, ẽ] (1986: 106). No ponto de vista fonêmico, Soares verificou seis fonemas vocálicos orais e quatro fonemas nasais (1986: 111): /i, ī, u, e, a, o / e /ĩ, ī, ã, õ/.

Para a pesquisadora há também a realização de variação dos seguintes elementos; /i/ - [ĩ], /e/-[ẽ], /i/-[ī], [ã] (variantes livres), /a/-[ã], [ã] (variantes livres), /u/-[ũ], [õ], [õ].

Marília Facó Soares (2000), num livro publicado, apresenta o volume I de sua pesquisa que tem como temática O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica / Investigação de aspecto da sintaxe Tikuna. Nesse trabalho, Soares, esclarece sobre a ordem de palavras ou de constituintes, como por exemplo, a ordem SOV, a ordem SVO, a ordem OVS. A pesquisadora disse que nas construções SVO, o fato de a frase nominal complemento encontrar-se à direita do verbo está ligado a modificações apresentadas pela forma verbal e, conseqüentemente, à relevância de um sintagma verbal constituído de sintagma nominal complemento e de um verbo, num fortalecimento, dentro da língua. O outro é o modo, na língua, nos quais chegou até percebido ou analisado uma variação de posicionamento entre os constituintes maiores de uma sentença.

1.5.5. MONTES (1995; 2004-2005)

Em 1995, Maria Emília Montes-Rodrigues, estudou tonologia do tikuna e, neste estudo, a pesquisadora realizou uma investigação em uma comunidade tikuna colombiana (amacayacu). A linguista no seu trabalho descreveu o tom da língua e aponta três (3) níveis tonalidade possíveis: alto (A), médio (M) e baixo (B), junto com um sistema de regra de alofonia. Para ela, as manifestações superficiais do tom incluem cinco níveis de altura, dois tons longos modulados em que a distância entre o ponto inicial e o final é de pelo menos dois níveis; dois tons modulados e os pontos inicial e final estão ligeiramente separados; um tom baixo e

um tom alto longo, bem como alguns tons modulados assistemáticos cujos pontos inicial e final variam.

Maria Emília Montes-Rodrigues (2004-2005), pesquisou sobre a Fonologia e dialetologia do povo Tikuna colombiano. No decorrer de sua pesquisa, detectou as características fonológicas na fala da comunidade indígena Tikuna Amacayacu, e do mesmo modo também apontou dialetos das comunidades ribeirinhas do rio Amazonas da Colômbia e Peru e do rio Putumayo que também pertence à Colômbia. Na finalização dessa pesquisa, verificou ainda que a língua tikuna brasileira falada na comunidade Umariacú I e II conta com variação lexical.

1.5.6. ANGARITA-WATCHÄÜCÜ (2005)

Abel Antônio Santos Angarita-Watchäücü (2005) fez a sua pesquisa em oito comunidades Tikuna localizadas no interior do estado do Amazonas colombiano, como: Pupuña, San Ventura, Arara, Macedônia, San Martin de Amacayacu, Puerto Nariño, San Francisco de Loretoyacu e Boyahuassu. Na sua tese, investigou a dialetologia na língua tikuna.

1.5.7. BRAGA (2010)

Rafael Saint-Clair Xavier Silveira Braga (2010), na sua dissertação de mestrado, pesquisou as interrogativas em tikuna.

1.5.8. CARVALHO (2010)

Fernando Orphão de Carvalho (2010) pesquisou alguns fenômenos fonéticos da língua Tikuna. Nesta dissertação de mestrado, Carvalho apresentou uma exposição básica da implementação fonética de determinadas oposições e categorias da fonologia da língua tikuna.

1.5.8. GOMES-PULGARÍN (2012)

Wilson Eduardo Gomes-Pulgarín (2012) investigou algumas características de mitos Tikuna. No decorrer da pesquisa, Gomes-Pulgarín focalizou na linguística antropológica, com amostra de etno-poética e linguística textual. Além disso, realizou uma análise detalhada das

características formais e contextuais de quatro relações orais concebidas na fronteira colombo-peruana e no sul do Trapézio Amazônico.

1.6. COLETA DE DADOS

1.6.1 Processo de levantamento de dados

Os dados para esta pesquisa foram coletados via *Whatsapp*¹⁰. Criamos um grupo denominado *Língua Tikuna nos estudos ou em pesquisas científicas*. O tema deste grupo foi uma discussão de algumas questões sobre a educação indígena para elicitare uma conversa espontânea. Este grupo foi formado por professores e estudantes indígenas das comunidades Tikuna. Deste modo, pudemos obter muitos dados espontâneos com empréstimos, algo mais difícil de coletar em elicitare.

Também criamos um grupo somente de estudantes Tikuna, com o mesmo objetivo.

A partir das mensagens escritas e dos áudios enviados por *whatsapp* pelos integrantes dos membros do grupo, colhemos várias palavras de origem portuguesa, mas adaptadas na língua tikuna como, por exemplo, o nome de objetos (utensílios e materiais de construção, etc.), topônimos (nome de lugar), além de nomes de animais e pessoas, meios de transportes, etc.

Além de falarmos de questões importantes sobre educação e organização do povo Tikuna, no grupo, houve também momentos de mais descontração, em que falamos sem maiores cuidados, isto é, nos momentos de brincadeiras, informações gerais ou notícias engraçadas. Durante essas conversas informais também surgiram dados que serviram para ser utilizados na análise.

1.6.2. Sobre os grupos

Os dados para esta pesquisa vêm de dois grupos de WhatsApp. O primeiro é composto de 19 pessoas, sendo que 8 são professores com formação de graduação em vários cursos ou possuem mestrado em linguística e língua indígenas pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Sobre os outros membros, não temos informações.

¹⁰ O motivo de a investigação ter se realizado através de recursos de internet dada a falta de recursos que possibilitasse este pesquisador de ir até o campo para coletar dados para este estudo pessoalmente. A comunidade de falantes que é objeto da pesquisa encontra-se no interior do estado do Amazonas, sendo que a viagem do estado de São Paulo até o Alto Solimões leva quase um dia e meio. Assim, tivemos a possibilidade de conseguir o nosso corpus por meio deste grupo de *whatsapp*.

O segundo grupo são alunos de ensino fundamental, médio e de graduação e conta com 154 pessoas sendo que a maioria é da etnia Tikuna. Somente dados de falantes nativos de tikuna foram utilizados.

Os grupos tratavam de assuntos acadêmicos e eu selecionei os dados de empréstimos que surgiram nas falas dos membros dos grupos.

Fui administrador do primeiro grupo, e, para incentivar o uso de tikuna, uma observação foi colocada pedindo o uso apenas da língua nativa. Alguns escreveram somente em português e outros em tikuna. Os áudios mandados foram todos em tikuna. Além disso, como administrador, falei e escrevi sempre em tikuna. Mas meus próprios dados não foram utilizados na análise.

No segundo grupo, os áudios também foram em tikuna, mas a escrita sempre ocorreu em português.

1.6.3 Procedimento de análises e instrumentos

Para a análise dos dados utilizamos como instrumento um caderno de anotações, em que registramos os dados postados pelos participantes do grupo. São materiais de dois tipos: dados orais e dados escritos segundo a ortografia da língua. Os dados orais foram transcritos foneticamente usando os símbolos do alfabeto fonético internacional (IPA). Alguns dados foram analisados acusticamente.

A análise acústica foi realizada a partir do programa computacional *Praat*, o objetivo principal foi de observar os tons da língua. Assim o analista tem a possibilidade de comparar os níveis de tonalidade em tikuna e nas palavras emprestadas.

2. Arcabouço Teórico

Neste capítulo temos por finalidade apresentar alguns conceitos que serão explorados nesta dissertação, ou seja, o contato linguístico, bilinguismo, troca e manutenção linguística.

2.1. Contato entre as línguas

Mufwene (2001), citado por Couto (2012), introduz o tema afirmando que “o que entra em contato diretamente não são línguas, mas povos”.

Thomason (2001), no artigo “*Language in contact*”, assinala que o contato entre as línguas no sentido comum incide quando mais de uma pessoa de diferentes línguas estão se comunicando com suas línguas específicas.

A pesquisadora disse ainda que as línguas entram em contato quando no primeiro momento um grupo de uma comunidade linguística se movimenta para o território de outro grupo. Para ela, esse movimento pode ser pacífico ou não, entretanto o resultado é muitas vezes a tomada de um território ocupado por um grupo lá residido anteriormente.

Isto é o que já conhecemos sobre a história da colonização em muitos países. Um exemplo bem conhecido para nós é a sociedade hoje chamada de brasileira, mas que, como ressaltamos anteriormente, ocupa um território onde já existiam muitos grupos aborígenes, que falavam nas suas especificidades linguísticas e que viviam em condições culturais totalmente diferentes entre si. Mas, como sabemos, ao longo do tempo, obrigados a conviver com os colonizadores e a aceitar a exploração econômica e os dogmas cristãos, estes povos nativos vivenciaram vários conflitos que, muitas vezes podem ter reflexos linguísticos.

A autora, em outras partes de sua obra, comenta também que o contato entre as línguas está em toda parte, ou seja, nenhuma língua falada no mundo se desenvolve em total isolamento em relação a outras línguas. O que podemos entender dessa proposição, então, é que qualquer língua no mundo empresta material linguístico de outros grupos linguísticos com os quais tem contato ao longo de um determinado tempo.

Nessa mesma linha, Thomason & Kaufman (1988) também explicam que , todas as línguas do mundo têm contato com mais de uma ou duas línguas faladas ao seu redor, não exclusivamente com aquelas línguas de povos mais próximos, mas também com aquelas que em certo momento saíram de sua terra de origem e se instalaram no meio daquelas que as recebem. Como sabemos, o português falado no Brasil é uma língua com empréstimos de outras línguas, pela presença de imigrantes e pelo contato com outras línguas devido à globalização.

Neste sentido, pode-se dizer que não existem línguas puras, sem nenhuma interferência por contato. Nesta perspectiva é importante dizer também que não existem línguas piores ou melhores do que as outras línguas no mundo. Mas pode haver povos com maior prestígio social devido à sua condição de dominação econômica e política.

Todavia, isso não significa dizer que a língua de um determinado povo politicamente dominante é considerada mais bonita por aqueles que a adotam, muito pelo contrário: as pessoas que as empregam, na maioria das vezes, o fazem apenas para ter uma boa convivência/contato com aquela população diferente, com quem reside durante um longo período de tempo.

2.1.1. Bilinguismo

Antes de chegarmos à discussão dos dados de empréstimo linguístico, vale ressaltar brevemente, nesta subseção, o conceito de bilinguismo, conforme o autor abaixo citado, já que isso pode levar a perda linguística de acordo com Thomason & Kaufman (1988) em uma situação de desprestígio social.

Grosjean (1997) afirma que o bilinguismo é um fenômeno que acontece em países em que os moradores falam mais de uma língua, ou seja, onde as pessoas supostamente crescem falando mais de uma língua tendo igual domínio na fala e nas escrita em ambas as línguas, pronunciando os nomes de objetos sem apresentarem sotaque dessemelhante aos falantes nativos da língua.

O autor argumenta que no mundo há mais pessoas monolíngues do que bilingues, mesmo em países considerados bilíngues. A questão do monolinguismo é relacionada à questões de classe social, uma vez que, para Grosjean, aqueles que se tornam bilingue muitas vezes fazem parte de uma classe social mais elevada, isto é o que, pertencem ao que chamamos de classe média e alta.

Para o pesquisador, existem muitos motivos que colocam as línguas em contato e, portanto, promovem o bilinguismo: “migrações de vários tipos (econômicas, educacionais,

políticas, religiosas), nacionalismo e federalismo, educação e cultura, comércio, casamentos mistos etc.” (GROSJEAN, 1997).

Muitas pessoas tornam-se bilíngues pelo fato de que muitas instituições públicas e particulares exigem que os seus funcionários tenham proficiência em mais de uma língua, isto é, a sua língua nativa e uma língua estrangeira caso alguém cliente ou sócio estrangeiro apareça na empresa, loja etc. Além disso, como podemos ver também nas escolas e nas universidades o uso de uma língua estrangeira é com certeza obrigatório, como por exemplo, um estudante de pós-graduação (mestrado e doutorado) para desenvolver uma boa pesquisa é importante que ele domine uma segunda língua, como por exemplo o inglês e o francês.

Na palavra do linguista, os bilíngues geralmente adquirem e usam seus idiomas para fins diferentes, em diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes. Diferentes aspectos da vida requerem diferentes linguagem.

Nesse sentido, podemos dizer que ser bilíngue numa comunidade é ter um comportamento cindido em duas faces. O indivíduo bilíngue se comporta como monolíngue dentro de sua casa ou na sua terra nativa e, em demais ocasiões, como por exemplo, espaços públicos tende a se comporta como falante de duas línguas, onde, como disse o autor, as duas línguas são ativadas.

Quanto aos bilíngues tikuna, a língua de contato, o português do Brasil (doravante PB), é ativado somente quando os indivíduos estão numa localidade não tikuna, onde as pessoas falam apenas em português, por exemplo, nas cidades de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins. E não somente nas cidades, mas também em outras comunidades indígenas onde, na atualidade, a língua portuguesa tornou-se como uma língua nativa para o povo, como é o caso dos Kokama.

Há casos, entretanto, como mencionado acima com os Kokama, que a língua original é deixada de falar até mesmo dentro da comunidade indígena. E, como mencionamos anteriormente, há alguns moradores nas comunidades¹¹ Tikuna que só falam em português, voltando ao monolingüismo.

Após estas ideias definidas por Grosjean, na subseção seguinte falaremos sobre como uma língua nativa pode ser substituída por outra língua.

¹¹ Sobre as comunidades onde se ver essa situação linguístico será mais explorado no futuro estudo deste pesquisador, pois, como sabemos nesta investigação não podíamos fazer pesquisa de campo devido a situação pandêmico que estamos enfrentando desde início do ano de 2020 e até este corrente ano 2021. Devido isso, não foi feito a quantificação da comunidade e de pessoas.

2.1.2. Contato e mudança linguística

Uma língua é mantida quando numa comunidade linguística ela é falada pelo seus usuários, mesmo que haja contato com outros povos. Mesmo que haja uma outra língua aprendida como segunda língua ou simultaneamente, as duas línguas andam juntas e são usadas em situações sociais diferentes.

Mas apesar de a língua nativa ser mantida, como já dissemos, há um vasto grupo de palavras originárias de outras línguas que são adotadas por seus falantes nativos sempre que há contato.

Thomason & Kaufman (1988) afirmam que empréstimo é a incorporação de características estrangeiras na língua nativa de um grupo por falantes dessa língua: a língua nativa é mantida, mas é alterada pela adição dos recursos incorporados. Invariavelmente, em uma situação de contato, os primeiros elementos estrangeiros a entrar na língua de empréstimo são as palavras.

O empréstimo puramente lexical em uma língua não faz com que o sistema gramatical desta língua seja modificado, ou seja, as palavras emprestadas vão meramente contribuir com o vocabulário da língua.

Os pesquisadores explicam que se houver forte pressão cultural de longo prazo, outras características linguísticas podem ser emprestadas, como elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Neste caso, o material linguístico novo terá uma nova estrutura gramatical fonológica que é independente das duas línguas que se conectam.

Para Thomason & Kaufman, em casos de dominação extrema em que o povo é forçado a uma troca de língua de maneira abrupta, ocorre a formação de novas línguas rotuladas de línguas crioulas. Neste caso, há a aquisição imperfeita da língua alvo que é completada por uma nova gramática que emerge do contato. Este é um caso extremo de troca de língua por contato.

Este último não é o caso do tikuna. Existem muitas pessoas em muitas comunidades tikuna que ainda são monolíngues, mas que têm conhecimento de quando empregam uma palavra que não é de sua língua nativa. Por exemplo, nas comunidades Tikuna, quando se faz uma estudo dentro delas, são bem poucas as pessoas que se consideram bilíngues, e, no entanto, a sua maioria - crianças, adolescentes, jovens e adultos - pode entender o português, mesmo sem poder falar a língua.

No que se refere, o português nesse sentido é usado pelos tikuna nas cidades como língua de contato com os moradores da cidades não tikuna, por exemplo, nos empórios, bancos,

lotéricas, correios, INSS. Entretanto, mesmo no interior das cidades quando entre os tikuna se encontram, falam apenas nas suas língua nativa, a tikuna.

Como é possível entender no estudo de Carvalho (2017), “assim, nos domínios discursivos em pauta, percebe-se o quão os Tikuna se movem entre as duas línguas e as privilegiam de acordo com as situações de fala e com os seus respectivos grupos de referência. Essa mobilidade de uma e outra, a depender das interações sociais realizadas, podem ser positivas para a manutenção da língua Tikuna”.

Nesse cenário é que acontece o que os pesquisadores chamam de transmissão normal de língua. Isto é, o povo não aprende ou não empresta os recursos linguísticos de outros grupos por submissão social, mas os adquire por sua própria e espontânea vontade.

Entende-se que quando dessa forma acontece, a língua em si não sofre nenhum tipo de interferência estrutural extensiva por motivação externa, apesar do fato de seus falantes terem adotado centenas de palavras emprestadas (THOMASON & KAUFMAN 1988).

2.1.3. Um segundo caso de troca de língua por contato

Thomason & Kaufman (1988) apontam que quando a mudança de uma língua para outra língua, em caso de dominação de povos, é abrupta, a aprendizagem linguística é imperfeita, ou seja, incompleta e surgem novas línguas. Esta situação é bastante comum no caso da escravidão de povos africanos, que foram levados para novos territórios e tiveram que trocar de língua abruptamente. Neste caso novas línguas surgiram, como é o caso do haitiano.

O caso é outro se a troca de língua se faz lentamente. Neste caso, há tempo de aquisição da língua alvo e manutenção de bilinguismo por um certo tempo.

Neste caso, Thomason & Kaufman (1988) argumentam que quando há bilinguismo no seio de um grupo, se os próprios falantes querem trocar as suas línguas pela outra, isso leva à morte das suas línguas nativas, por razões de prestígio ou favorecimento. Há a troca simplesmente, e a língua original é levada à extinção.

Veremos neste trabalho que estudamos empréstimos lexicais e vemos que as palavras foram adaptadas fonologicamente ao tikuna. No entanto, mais e mais code switching tem sido uma prática e há aldeias que deixaram de falar tikuna.

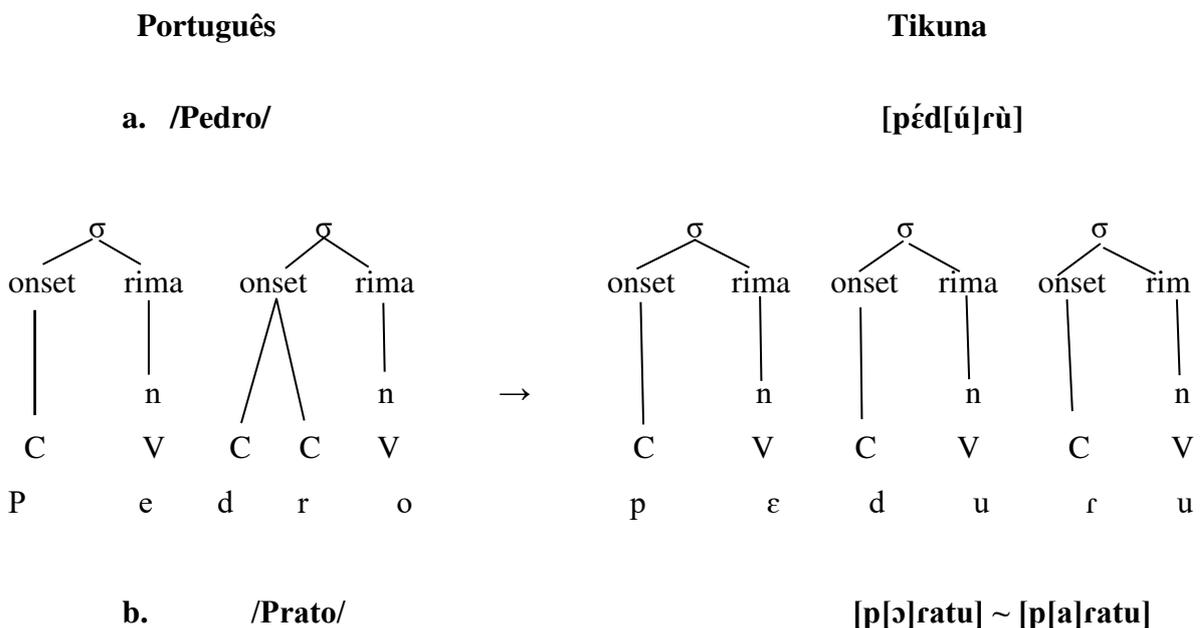
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

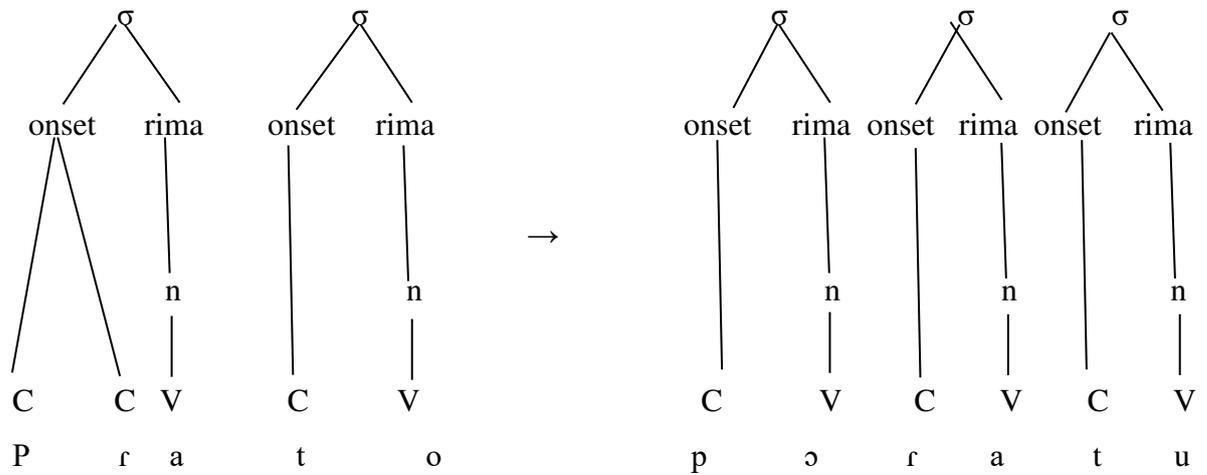
Nesta seção apresentamos os resultados da pesquisa. Como resultado, temos dois tipos de ocorrência de empréstimo de palavras em nosso corpus. Há aquelas que não são adaptação (Code switching), isto é, as palavras são faladas da mesma forma como elas são pronunciadas na língua portuguesa, são bastante abundantes entre jovens. E há aquelas adaptadas à fonologia do tikuna. Estas correspondem a empréstimos mais antigos e já usados por todos.

3.1. Epêntese e ressilabificação

Esta seção apresenta palavras emprestadas do português para a língua tikuna. É importante dizer que quando palavras são incorporadas ao tikuna, as emprestadas receberão um novo segmento vocálico para se acomodarem ao ritmo silábico do tikuna.

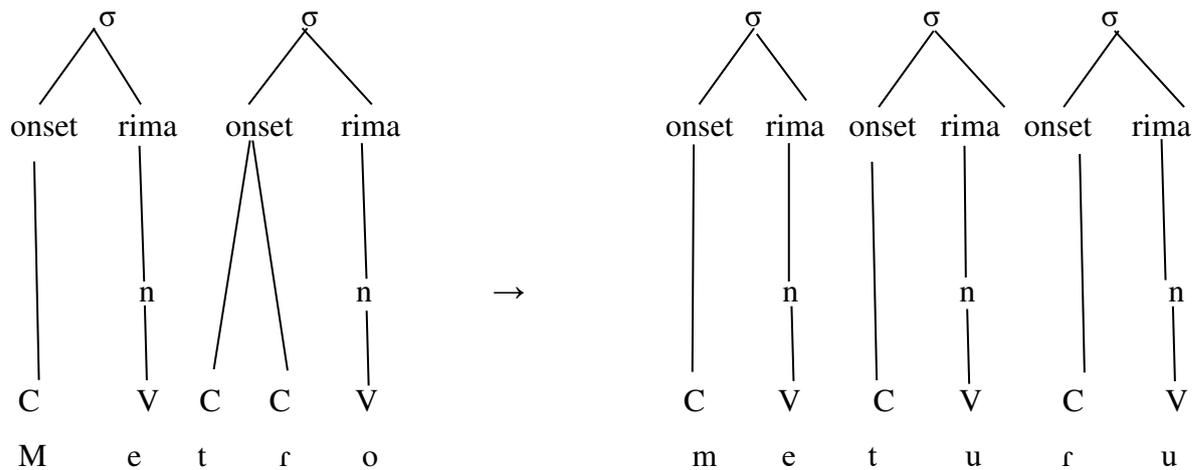
No primeiro momento analisamos os ataques complexos na situação inicial e final de palavras com <dr>, <tr>, <fr>, <cr>, <gr> etc. Como, por exemplo, mostramos no caso dos dados abaixo.





c. /Metro/

[met[u]ru]



Em português, como é possível verificar nos exemplos /pedro/, /prato/ e /metro/ mostrados acima, nas sílabas iniciais e finais há uma sequência CCV.

Tais palavras são adaptadas à gramática do tikuna: o tikuna tem sílabas CV e CVA¹² exclusivamente, isto é, sílabas somente podem ser travadas por aproximantes em tikuna. Portanto, a sílaba da palavra que entra por empréstimo no tikuna é adaptada à sua gramática.

Como podemos analisar na estrutura arbórea acima, a palavra /pedro/ → torna-se [ped[u]ru]. Ou seja, a sílaba malformada em tikuna é alterada para se tornar bem formada nesta língua. Para isso, uma vogal é adicionada. Esta vogal é mais frequentemente uma vogal

¹² A, é aproximante, isto é, a sílaba contém um ditongo.

posterior, mas há outras vogais que podem ser inseridas, como na palavra /prato/, que se torna-se [p[ɔ]ratu] ou [p[a]ratu]. Mais adiante tentaremos prever qual vogal será inserida.

Desse modo, como ficou claro, as sílabas com ataque complexo em português ou mesmo sílabas travadas por consoantes (como será visto mais adiante), necessariamente tendem a passar por uma fase de ressilabificação, o que significa dizer que na língua tikuna, enquanto a recepção de novos segmentos é permitida, a forma de origem também será restringida pela língua para que dessa forma a gramática dela seja respeitada.

No entanto, no que se refere a objetos de tecnologia recente, as palavras são faladas da mesma forma com que os falantes nativos de português as proferem (code switching). Ou seja, não estão adaptados na língua tikuna. Fonologicamente, não houve à ressilabificação interna, sendo assim impossível observar uma forma diferente de uso delas.

Como podemos seguir os exemplos abaixo descritos;

Português		Tikuna	
Ortografia	Forma Fonética	Ortografia	Forma Fonética
Cama	[kama]	Cama	[kama]
Celular	[selulah]	Celular	[selulah]
Internet	[ĩtehnetʃi]	Internet	[ĩtehnetʃi]
Computador	[kõputadoh]	Computador	[koputador]
Ventilador	[vejʃilador]	Ventilador	[vejʃilador]
Televisão	[televisãw]	Televisão	[televisãw]
Fio	[fiw]	Fio	[fiw]
Refrigerante	[hefrizerãʃi]	Refrigerante	[hefrizerãʃi]
Suco	[suko]	Suco	[suko]
Perfume	[pehfumi]	Perfume	[pehfumi]
Caneta	[kaneta]	Caneta	[kaneta]

Em suma, tais palavras nos mostram que atualmente as palavras são diretamente emprestadas de português para língua tikuna sem sofrerem nenhum tipo de adaptação. Estas palavras referem a nomes de objetos que são de recente conhecimento na cultura tikuna. E, por outro lado, observa-se que algumas delas são provenientes da língua inglesa ou de outras línguas estrangeiras que tiveram adaptação no PB e que na atualidade, com a evolução tecnológica, elas estão sendo cada vez mais empregadas na comunidade de prática tikuna¹³.

As palavras que sofreram adaptação entraram na língua em uma época em que havia pouco bilinguismo e conhecimento da língua portuguesa. E, assim, foram adaptadas à gramática do tikuna. Estas palavras são usadas por todos os tikuna.

No português, segundo Mateus & D’Andrade (2000: 52) e Mateus D’Andrade et al. (2003: 1047) “a quantidade de consoantes que podem calhar em posição de coda é muito reduzida”. Nesta mesma visão, os autores afirmam que nessa língua são permitidos “somente três elementos consonantais que se realizam em posição de coda. Como podemos ver aqui, o segmento /l/, /r/ e /S/”. Mas em tikuna nenhum segmento consonantal, exceto aproximantes, são possíveis.

Há numerosas palavras emprestadas que no português contam com coda. Estas palavras são usadas nas comunidades, no seu dia a dia, principalmente quando é necessário utilizar objetos que não fazem parte da cultura tradicional do povo. Abaixo mostramos os nossos dados.

Português	Tikuna
a. Motor [mutoh]	Muturu [mũt[u]ru]
b. Martelo [mahtɛlu]	Maruteru [mãr[u]teru]
c. Arpão [ahpãw]	Arapãu [ar[a]pãw]

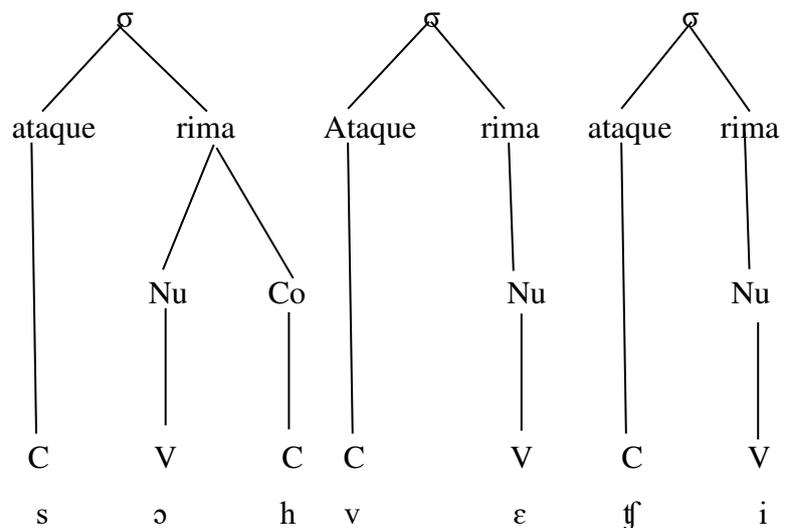
¹³ O que se diz respeito, nesse caso, o *code switching* é possível de ser verificado na conversação dos falantes tikuna mais jovens e que possuem escolaridade, tendo em vista que, na atualidade, o bilinguismo nessa fase de vida é observável nas comunidades tikuna. Quando falamos de influência tecnológica, aqui, estamos nos referindo, sobretudo, nas crianças, adolescente e jovens, até mesmo os adultos que estão vivenciando nesse mundo da evolução tecnológica. Essa evolução, então, faz com que o uso de novos vocabulários na língua tikuna é cada vez mais perceptivo. Já a adaptação fonológica é possível ser notado na maioria das vezes nos diálogos das pessoas mais velhas, idosos. Ou melhor dizendo, somente os léxicos emprestados desde ao primeiro contato dos tikuna com os homens não indígenas que se acomodam com a fonologia do tikuna.

d. Açúcar [asukah]	Atchucara [atfukar[a]
e. Cartucho [kahtufu]	Carututchu [kar[u]tutʃu]
f. Doutor [dowtuh]	Duturu [dudur[u]]
g. Anel [anɛw]	Anera [ãner[a]]
h. Pasta [pajzta]	Patchita [pa[tʃ]ita]
i. Sorvete [sohvɛʃi]	Tchuruvetchi [ʃuruvɛʃi]

Com base nas evidências acima, verificamos três segmentos consonantais em coda nas palavras do português: /r/, /l/, /s/.

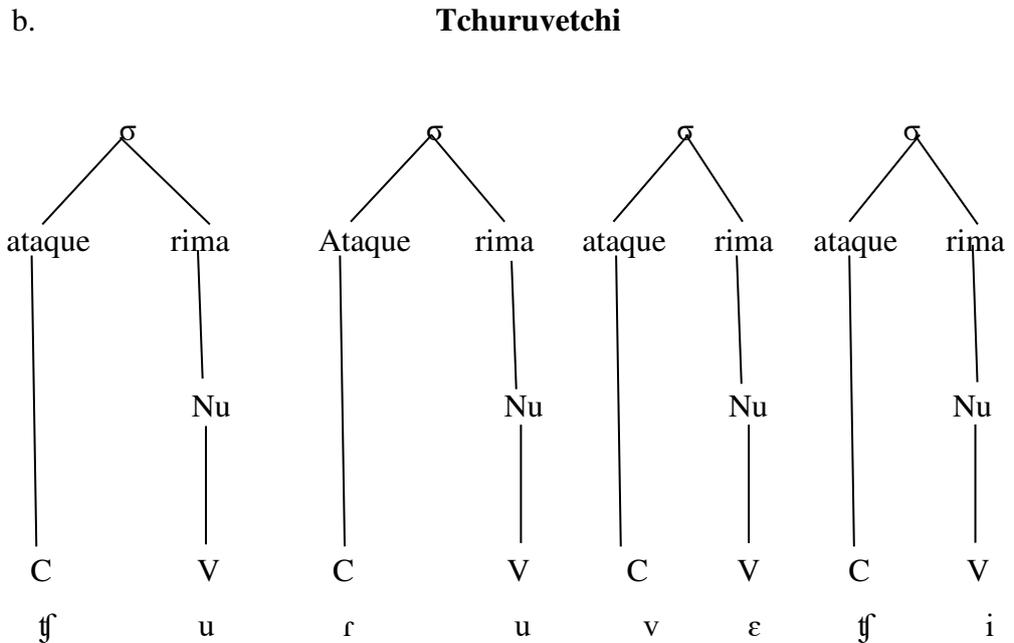
Collischom (1999), na sua investigação sobre a ocorrência de epêntese na produção oral da língua inglesa por alunos brasileiros, assume que as línguas se diferenciam na quantidade de segmentos aceitáveis em cada constituinte silábico; ou seja, para esta autora, pode haver línguas que apresentam apenas um único segmento no ataque e outro na rima, como o tikuna. Observemos a palavra sorvete no português:

a.

Sorvete

Esta estrutura esclarece perfeitamente como na língua portuguesa os segmentos se organizam em sílabas.

Vejamos abaixo a mesma palavra submetida à análise acima, e aqui ilustramos como a língua tikuna ajusta a palavra emprestada ao seu sistema silábico:



O exemplo (b), adaptado no tikuna, mostra uma forma de estruturação silábica diferente se comparada ao português. Essa diferença encontrada, como notamos, é o resultado de inserção de um fonema vocálico. Como estamos falando de adaptação fonológica de duas línguas tipologicamente distintas relativas à sílaba, observamos que o português permite algumas sequências de segmentos no ataque como também na coda. Mas as palavras são ressilabificadas no tikuna resultando sempre em sílaba CV.

3.2. As vogais epentéticas

O nosso objetivo nesta seção é prever qual é a vogal a ser inserida no tikuna. Para isso, apresentamos a seguir os fonemas vocálicos desta língua segundo Soares (1986)¹⁴ e Montes (1995; 2004)¹⁵:

¹⁴ Ao lado do amazonas brasileiro Soares (1986), verificou 6 variedades de fonemas vocálicos orais e 4 nasais.

¹⁵ Ao lado do amazonas colombiana Montes (1995; 2004), verificou que, atualmente, a língua tikuna conta com 6 fonemas vocálicos orais e 6 nasais.

Tabela 02

	Oral			Nasal		
	Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
Alto	i	ɨ	u	ĩ	ĩ	
Baixo	e	a	o		ã	õ

Soares (1986, p. 111)

Tabela 03

	Oral			Nasal		
	Anterior	Central	Posterior	Anterior	Central	Posterior
Alto	i	ɨ	u	ĩ	ĩ	ũ
Baixo	e	a	o	ẽ	ã	õ

Montes (1995; 2004, p.161)

Abaixo apresentamos alguns exemplos que demonstram a ocorrência da vogal epentética /u/:

Português**Tikuna**

(1)

a. **Metro** [me.tru]**Meturu** [me.t[u].ru]b. **Pedro** [pe.dru]**Peduru** [pe.d[u].ru]c. **Doutor** [dow.toh]**Duturu** [du.tur[u]]d. **Motor** [mo.toh]**Muturu** [mu.tu.r[u]]

Para reparar sílabas com vogais posteriores no núcleo silábico do português, a vogal epentética é /u/.

Mas observem os dados abaixo:

Português

Tikuna

(2)

a. Prato [prato]

Porato [p[o]ratu] ~ [p[a]ratu]

b. Quadra [kwadra]

Quadara [kwad[a]ra]

c. Martelo [mahtelo]

Maruteru [mar[u]teru]

Esses exemplos nos revelam que o /u/ não é único segmento epentético. Como podemos verificar em (2. a) constatamos como elemento inserido a vogal posterior baixa aberta /o/ para reparar um ataque de plosiva bilabial e tepe alveolar /pr/. Em (2. b), a baixa aberta /a/ para reparar o ataque complexo com oclusiva alveolar e tepe /dr/. E no (2.c) o mesmo segmento nos dados anteriores foi inserido, a posterior fechada /u/. Parece-nos que a vogal que repara coda do português é frequentemente uma vogal posterior. Mas este não é o caso de ataques complexos do português. Neste caso, há uma cópia do núcleo do português se o tikuna tiver o mesmo fonema vocálico que o português. No entanto, a palavra “prato” teve outro comportamento no corpus, pois foi realizada com epêntese de uma vogal posterior. Mas observamos variação neste caso, pois houve também a produção de [p[a]ratu]¹⁶.

Outros casos são apresentados abaixo:

Português

Tikuna

¹⁶ Neste caso, a variação de pronúncia de vogal posterior baixo /o/ para vogal central baixa /a/ na palavra emprestada em questão pode se refletir a compatibilidade de espaço acústico muito próximo entres esses dois segmentos. Sendo que, em algumas palavras originais da língua tikuna, de igual maneira, acontece a variedade de pronúncia-los. Como por exemplo, nos exemplos a seguir;

Notürü [no.ti.ri] ~ Natürü [na.ti.ri]

(3)

a. Igreja [i-gre-za]**Iguereya [ʔi-g[e]-re-dʒa]**

Dado que no (3. a) a palavra “igreja” é dividida em três sílabas na língua portuguesa, em que o segmento /i/ no início da palavra constitui uma sílaba sem ataque. E a segunda sílaba do português tem ataque complexo.

Ao entrar no tikuna, a palavra é adaptada e, quando o item lexical passa a ser integrante da comunidade linguística tikuna, há a inserção de oclusiva glotal /ʔ/ para preencher a sílaba sem ataque. Montes (2004, p. 154) disse que “o fonema oclusivo glotal é inserido nas posições consonantais vazias da sílaba, mas somente quando os tons das duas sílabas opostas são adjungidos”¹⁷. Parece que isso também pode acontecer no nosso dado apresentado.

Há ainda a epêntese de /e/ para evitar uma sílaba com ataque complexo. No caso de adaptação de ataques, a vogal inserida é uma cópia da vogal do núcleo da sílaba da palavra no português.

A partir daí é possível verificar que a inserção de um novo elemento na palavra nos permite ver que a língua tikuna é de sílaba tipo CV. CV. A seguir veremos que uma palavra tikuna tem ainda um tamanho máximo revelada nos empréstimos.

3.3. Variação na ressilabificação em CV

Embora seja muito comum a epêntese, como discutimos acima, há também apagamentos de segmentos para reparar estruturas complexas do português ou ainda sílabas sem ataque. A sílaba do tikuna é rigorosamente CV(A) (MONTES, 2004). Veja abaixo:

¹⁷ Como é possível verificar nos dados exemplificados na pesquisa realizada por Montes (1995; 2004, p. 154). Na palavra da pesquisadora “El fono [ʔ] se inserta en las posiciones consonánticas vacías de la sílaba, pero sólo cuando los tonos de las dos sílabas contiguas implicadas son opuestos. Se trata de una regla de epéntesis, motivada por el incremento de la tensión articulatória que estaría asociada a la producción de ciertas secuencias de tonos. Se explica también por el imperativo fonológico que exige mantener claros los tonos de cada sílaba”.

Exemplos;

/ùé/ → [ùʔé] Jarra de barro /dèá/ → [dèʔá] agua /dèà/ → [dèʔà] fala

Nesses exemplos verificou-se que no tikuna as palavras que apresentam sílabas ataque vazias ortograficamente, na análise de forma profunda (fonológica) recebem um novo segmento epentético que é a oclusão glotal. Com essa inserção as sílabas que estavam sem ataques criando-se uma sílaba com ataque.

Português**Tikuna****Frigideira [fri.ʒi.dej.ra]****Fiyidera [ɸi.dʒi.de.ra]**

Como é possível notar neste exemplo no português divide-se em quatro sílabas, com a presença de sílaba complexa fricativo labiodental e tepe /fr/ e de ditongo decrescente /ej/. Já na palavra adaptada na língua acolhedora tikuna, essa sequência silábica passou por um processo de mudança diferente do que já estávamos descrevendo, pois houve apagamento de segmentos, e não epêntese. Por um outro caminho, portanto, a sílaba novamente se torna CV, pois o apagamento de /r/ simplifica a sílaba.

Nossa hipótese é a de que o motivo do apagamento é o tamanho final da palavra após a adaptação. Se houvesse epêntese, a palavra teria cinco sílabas, o que não acontece nas palavras emprestadas. Note que todas têm entre duas e quatro sílabas.

O apagamento de [j] será discutido mais adiante.

Observe mais exemplos abaixo:

Português**Tikuna****Apontador [a.põ.ta.doh]****Pũtadu [pũ.ta.du]**

Esta palavra ao ser adaptada conta com dois apagamentos e nenhuma epêntese. Nesse sentido, em algumas palavras, sílabas sem ataque são apagadas no tikuna, pois, como já mencionamos, esta língua tem sílabas rigidamente CV(A). Também ocorreu aqui apagamento da coda final. A palavra em questão é pronunciado como [pũ.ta.du]. Nossa explicação para haver apagamento e não epêntese é o fato de que se inserimos um elemento epentético pronunciássemos [ʔa.pũ.ta.du.ru], isto é, a palavra ficaria com um número de sílabas maior que permitido.

Outra possibilidade seria [pũ.ta.du.ru], mas embora o tamanho da palavra seja permitido, não encontramos nos dados esta palavra. O tamanho ideal de três sílabas foi preferido, aparentemente¹⁸.

¹⁸ Nesse sentido, nesta língua em curso as palavras mínimas permitidas são de uma sílaba formada por uma única letra vocálica tanto como aquelas que possuem ataque como por exemplo;

Palavras de cinco sílabas são muito raras em tikuna, e são geralmente polimorfêmicas. Portanto, o tamanho da palavra adaptada parece ter um papel na previsibilidade do apagamento.

Seguem exemplos de palavras longas no tikuna, mas são bastante raras:

Yo.wa.ra.tchi

[dʒó.βá.rā.tʃi]

Peixe

O.ra.wa.na

[ʔó.rā.βá.nà]

peixe

Pai.ya.wa.ru

[paj.dʒa.βa.ru]

bebida

To.ma.ca.tchi

[to.ma.ka.tʃi]

Peixe tambaqui

Mo.ca.ra.ta.ri

[mo.ka.ra.ta.ri]

gingibre

Wo.ra.ma.cu.ri

[βɔ.ra.ma.ku.ri]

estrela

Ta.we.mü.cü

[ta.βɛ.mi.ki]

Lua

O.ca.yi.wa

[ʔɔ.ka.dʒi.βa]

cedro

Cu.e.tchi.nü

[ku.ʔɛ.tʃi.ni]

Peneira

Ai.ru.ma.ca.tchi

[ʔaj.ru.ma.ka.tʃi]

Onça D'água

Pa.ri.ri.wa

[pa.ri.ri.βa]

Tipo de capim

/é/ → [é] jenipapo

/ó/ → [ó] acabar

/i' / → [i] afinar

/pé/ → [pé] dormir

/tó/ → [tó] sentar

/tchi/ → [tʃi] ferrar ~mastigar

Além disso, pode se encontrar também palavras com duas sílabas, por exemplo;

/óta/ → [ʔóta] galinha/galo

/tóri/ → [tóri] tarataruga

/pori/ → [pɔri] tabaco

Como também de três sílabas, exemplos;

/ócàrā/ → [ʔókàrā] tipo de peixe

/pácàrá/ → [pakara]

/popaya/ → [popadʒa] mamão

Portanto, as palavras máximas possíveis ou permitidas nesta língua são aproximadamente até quatro ou cinco sílabas. Como já analisamos nos exemplos discutimos nesta seção, as palavras como cinco sílabas são bem limitadas, ou seja, são poucas palavras que cheguem até a essa quantidade de segmento silábico.

Como verificamos através desses itens no tikuna, existem palavras de no máximo até cinco sílabas, embora poucas, como se pode ver nas palavras, {**mo.ka.ra.ta.ri**}, {**?aj.ru.ma.ka.tfi**} e {**βo.ra.ma.ku.ri**}.

Há uma única exceção de empréstimo com apagamento em uma palavra bissilábica:

Português

Tikuna

Cantor [kãtoh]

Cãtu [kãtu]

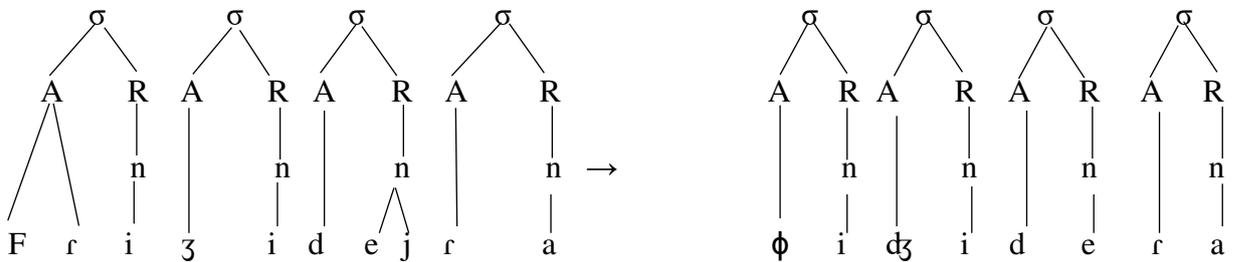
Veja algumas representações arbóreas abaixo:

Português

Tikuna

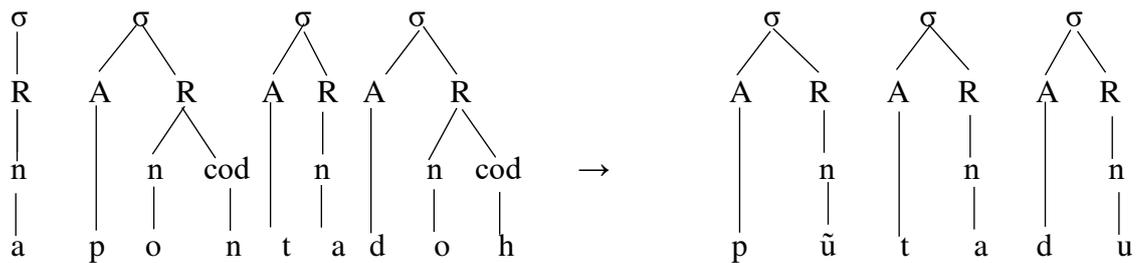
a. Frigideira

Fiyidera ~ wiyidera



b. Apontador

Pūtadu



Resta ainda discutir a simplificação de ditongos:

Português

Tikuna

Mamadeira [ma.ma.dej.ra]

Mamadera [ma.ma.de.ra]

Note-se neste dado, na penúltima sílaba acontece elisão do semivogal /j/, que estava assumindo a posição de ditongo na qual estava adjungido ao segmento anterior meio aberto /e/. Nesse caso, podemos generalizar que o tikuna, na sua regra de fonologia, não admite a sequência CVV. Sobretudo, portanto, não é possível ocorrer ditongo com os seguintes elementos: [ia], [ej], [wa], [aw].

Peneira [pe.nej.ra]

Penera [pe.ne.ra]

Também no português há redução opcional do ditongo. Mas em tikuna estes ditongos são proibidos. Segundo Montes (2004), nesta língua, é possível encontrar ocorrência de ditongo apenas nos seguintes encontros vocálicos /ai/, /au/, /ui/. Ocorrendo somente esses três tipos de ditongo no tikuna, segundo a nossa hipótese, isso deve levar a apagamento quando nas palavras emprestadas há encontro de um segmento posterior meio aberta /e/ com aproximante /j/. O aproximante será obrigatoriamente excluído na posição de ditongo, assim, forma-se apenas uma sílaba simples.

Em suma, as palavras originárias do PB ditongadas nos seguintes encontro vocálicos; vogal posterior aberta /e/ + aproximante /j/, é monotongado ao introduzirem no tikuna.

3.4. Apagamento de nasalização

O tikuna tem vogais nasais como fonema, sendo que em algumas palavras originárias do português que apresentam sílabas nasais, essas sequências sonoras são mantidas ao entrarem no tikuna. Vendo isso, nesse ponto deste trabalho tentamos verificar e explicar o porquê de nos dados abaixo os segmentos nasais no português ao passar para o tikuna sofrem apagamento.

Montes (2004, p. 160) disse que as vogais ficam laringalizadas e perdem a nasalização perto de tom baixo. As palavras emprestadas têm tom baixo na última sílaba, como mostraremos mais adiante, e este pode ser o motivo do apagamento da nasal.

A pesquisadora mostra que as vogais em contexto de tom baixo ficam laringalizadas e perdem a nasalização. Mais adiante veremos a prosódia de empréstimos e veremos que toda palavra emprestada no tikuna acaba com um tom baixo. Portanto, é esta regra do tikuna que leva ao apagamento da nasal. Observe nos espectrogramas abaixo, a laringalização em torno do tom baixo marcado em azul:

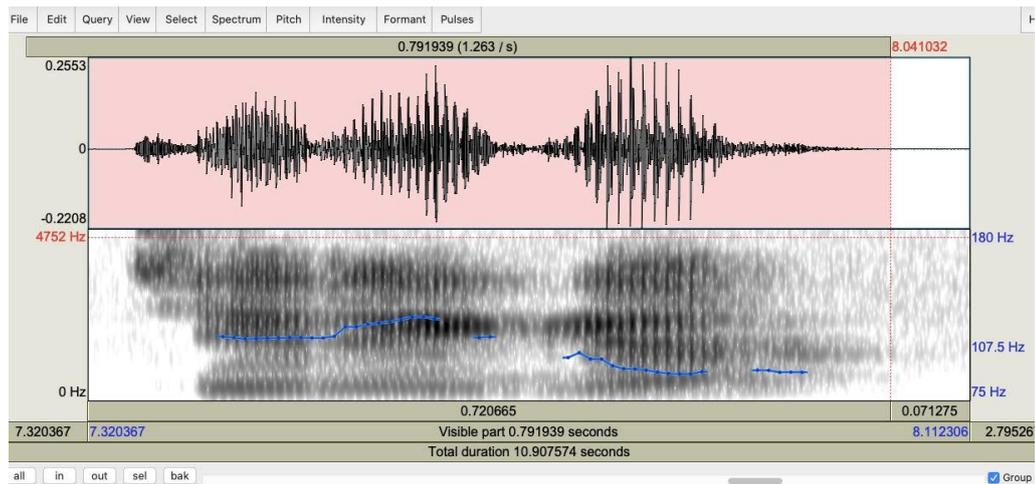
Português

Tikuna

a. Sarampo [sa.rã.po]

Tcharapu [tʃa.ra.pu]

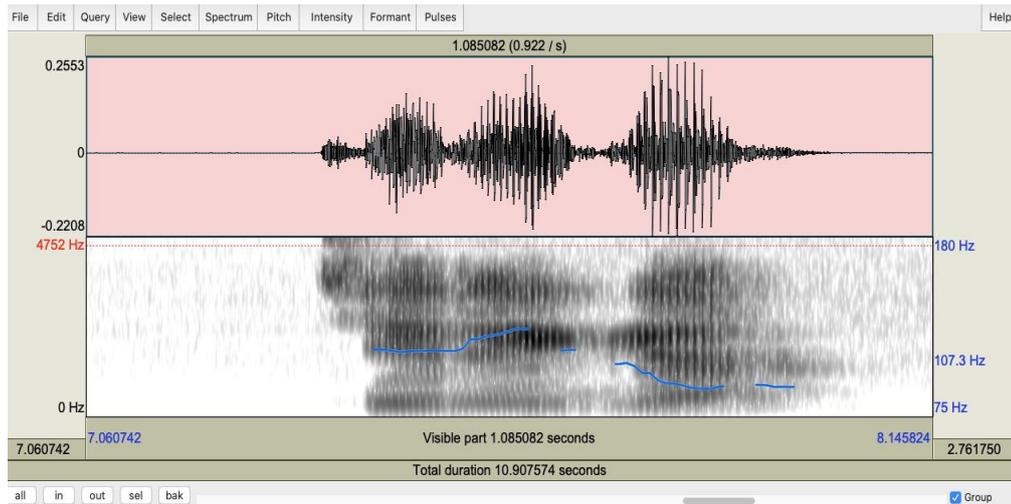
Figura 03



b. Seringa [se.rĩ.ga]

Tchiriga [tʃi.ri.ga]

Figura 04



3.5. Substituição segmental das emprestadas

Esta seção tem por objetivo analisar quais são os segmentos ou fonemas do quadro fonológico da língua portuguesa que são possíveis de serem substituídos quando os itens lexicais se encontram pronunciados no tikuna.

Para essa questão, antes de chegarmos à apresentação das nossas análises, é importante ressaltar o quadro fonético de consoante da língua em discussão segundo Montes (2004, p. 161).

Tabela 04

	Labiais	Coronais anteriores	Coronais não anteriores	Dorsais
Não contínuo sonoros	b	d	ɖʒ	g
Nasais	m	n	ɲ	ŋ
Não contínuo surdos	p	t	tʃ	k
Contínuos soantes	w	r		

3.5.1 Segmentos coronais

Seguimos os exemplos;

Português	Tikuna
Chave [ʃavi]	Tchawi [tʃaβi]
Xicara [ʃikara]	Tchicara [tʃikara]
Chica [ʃika]	Tchica [tʃika]
Chinelo [ʃinelo]	Tchinera [tʃinera]

Verifica-se nesses dados o segmento fricativo pós alveolar /ʃ/ integrante padrão do quadro fonêmico do português é realizado como a africada /tʃ/ no tikuna.

Qualquer fricativa coronal do português se tornará uma africada no tikuna, respeitando a sonoridade. Diante disso, podemos dizer também que, o tikuna é uma língua que no seu inventário fonêmico não possui fricativas pós alveolares, para isso, os falantes dessa língua, ao adotarem palavras do português com estes segmentos, usam africadas vozeadas. A seguir, oferecemos mais exemplos do fenômeno.

Português	Tikuna
Janela [ʒanela]	Yanera [dʒanera]
Jaca [ʒaka]	Yaca [dʒaka]
Jambo [ʒãbu]	Yãbu [dʒãbu]
Juruma [ʒuruma]	Yuruma [dʒuruma]
José [ʒuzɛ]	Yuye [dʒudʒɛ]

Tais palavras nos revelaram uma explicação simples para essa ocorrência. Pode-se notar que o segmento fricativo pós alveolar vozeado /ʒ/ do quadro fonêmico do português torna-se africada vozeada /dʒ/ em tikuna.

Note-se as palavras ilustradas a seguir;

Português	Tikuna
Sapato [sapato]	Tchapatu [tʃapatu]
Sabão [sabãw]	Tchabãu [tʃabãw]
Cebola [sebola]	Tchabura [tʃabura]
Saco [saku]	Tchacu [tʃaku]

Com base nos nossos dados apresentados, podemos dizer que o segmento fricativo alveolar desvozeado /s/ passa a ser /tʃ/ ao ser pronunciado pelos falantes do tikuna.

Vejamos mais palavras:

Português	Tikuna
Zinco [zĩko]	Yĩgu [dʒĩgu]
Dez [dez]	Deyi [dedʒi]
Gasolina [gasolina]	Gayurina [gadʒurina]

Como vemos nesses exemplos o segmento fricativo vozeado /z/ também é possível se tornar um segmento africado /dʒ/.

3.5.2. laterais

Observe as palavras abaixo:

Português	Tikuna
Panela [panɛla]	Panera [pane[r]a]

Chinelo	[ʃinɛlu]	Tinera	[ʧine[r]a]
Tijela	[ʧiʒela]	Tiyera	[tidʒe[r]a]
Bola	[bɔla]	Bora	[bo[r]a]
Cebola	[sɛbɔla]	Tchabura	[ʧabu[r]a]
Bolacha	[bolafa]	Buratcha	[bu[r]atʃa]

Devido a não existência de fonema lateral alveolar /l/ no quadro padrão de fonemas da língua tikuna enquanto língua alvo para as palavras de entradas, aquelas que são originárias do PB, ao serem acomodados nessa comunidade de fala torna-se tepe /r/, entretanto, somente quando nas palavras o segmento /l/ é situado na sílaba medial e final, em início da palavra há alofonia, como pode ser notado abaixo:

Português		Tikuna	
Lamparina	[lãparina]	Daparina	[daparina]
Lata	[lata]	Data	[data]
Luiza	[luyza]	Dutchia	[duʧfia]
Luciano	[lusianu]	Dutchiana	[duʧfiana]

Ao contrário de exemplos anteriormente analisados, nos quais o /l/ tornando-se /r/ nas sílabas mediais e finais das palavras, em início da palavra é [d].

A partir disso, notamos que no tikuna há a alofonia entre [l] e [d], sendo que a seguinte regra ocorre:

/l/ → [d]/ #__

Não há nesta língua palavras que comecem com [l], portanto.

3.5.3. Róticos

Acompanhe as palavras mostradas abaixo:

Português	Tikuna
Tarrafa [ta.ha.fa]	Tarapa [Ta.[r]a.[p]a]
Garrafa [ga.ha.fa]	Garrafa [ga.[r]a.[p]a]
Ferro [fe.ho]	Feru [fe.[r]u]
Açucar [A.su.kah]	Atchucara [ʔa.tʃu.ka.[r]a]
Motor [mo.toh]	Muturu [um.tu.[r]u]

Segundo Mattoso Câmara (1954), o fonema rotico do português é a vibrante /r/. Qualquer que seja sua pronúncia deste fonema do português, em tikuna, este fonema é substituído pelo tepe.

3.5.4. Labiais

Observe o comportamento de fricativas labiais do português:

Português	Tikuna
Felipe [felipe]	Piripe [[p]i.ri.pe]
Tarrafa [tahafa]	Tarapa [ta.ra.[p]a]
Garrafa [gahafa]	Garapa [ta.ra.[p]a]
Café [kafɛ]	Capé [ka.[p]ɛ]

Como verificamos acima, no tikuna o segmento fricativo labiodental /f/ é substituído pela oclusiva bilabial /p/. No entanto, este não é sempre o caso:

Frigideira → **fiyidera** [ʃidzidera] ~ [βidzidera] ~ [fidzidera] ~ [vidzidera]

Neste caso, verificou-se que, no início da palavra, há variação livre entre o segmento fricativo bilabial surdo [ɸ], fricativo bilabial sonoro [β], fricativo labiodental surdo [f] e fricativo labiodental sonoro [v].

Outros exemplos seguem abaixo; no entanto, não conseguimos coletar ocorrências desta palavra com as variantes sonoras. Observe que na palavra “ferro” conseguimos a realização de [p] mesmo no início da palavra:

Português		Tikuna	
Freezer	[freizeh]	Firiya	[ɸi.ri.ɖʒa]
Feijão	[fejʒãw]	Feyãu	[ɸe.ɖʒãw]
Ferro	[fehu]	Feru	[ɸe.ru] ~ [pe.ru]

Já sabemos que este segmento é realizado como [p] entre vogais como [kapɛ], portanto, observamos uma alofonia do tikuna em que o fonema /p/ ocorre como uma fricativa no início da palavra e como uma oclusiva labial entre vogais.

4. O sistema tonal da língua tikuna

Neste ponto desta pesquisa, temos por objetivo apresentar o sistema tonal da língua tikuna. Para isso, antes de partirmos para a ilustração do nosso resultado sobre a prosódia das palavras emprestadas, vamos resumir o que já foi falado sobre o sistema tonal do tikuna. Para este objetivo, nesta investigação, seguiremos a análise de Montes (1995).

No seu estudo, a autora explica que o tom fonológico apresenta três níveis de alturas possíveis, com presença de alofonias gerando cinco níveis de alturas fonéticas.

O tikuna, portanto, é uma língua tonal enquanto o português não é. Na seção seguinte verificaremos os tons das palavras emprestadas de língua portuguesa para a língua tikuna.

4.1. O acento do português para o tom no tikuna

Como já sabemos, o português não é uma língua tonal. O português é uma língua que apresenta acento lexical cujo correlato acústico é a duração da vogal. O que ocorre quando palavras do português são incorporadas em uma língua tonal?

Diante disso, quando os itens lexicais provenientes do PB entram no tikuna, recebem um contorno tonal, que será sempre médio (M), médio (M), baixo (B), o que no final das contas gera uma nova gramática, uma vez que nas palavras originais tikuna, qual tom ocorre em cada sílaba é imprevisível. Mas as palavras emprestadas têm um contorno tonal previsível.

Em suma, como o acento tonal é uma combinação de tons previsíveis nas palavras emprestadas, esse fenômeno gera um novo aspecto prosódico que, por sua vez, não faz parte de nenhuma das línguas em questão. Neste caso, surge uma nova gramática.

Apresentamos agora a análise acústica dos dados:

(a)

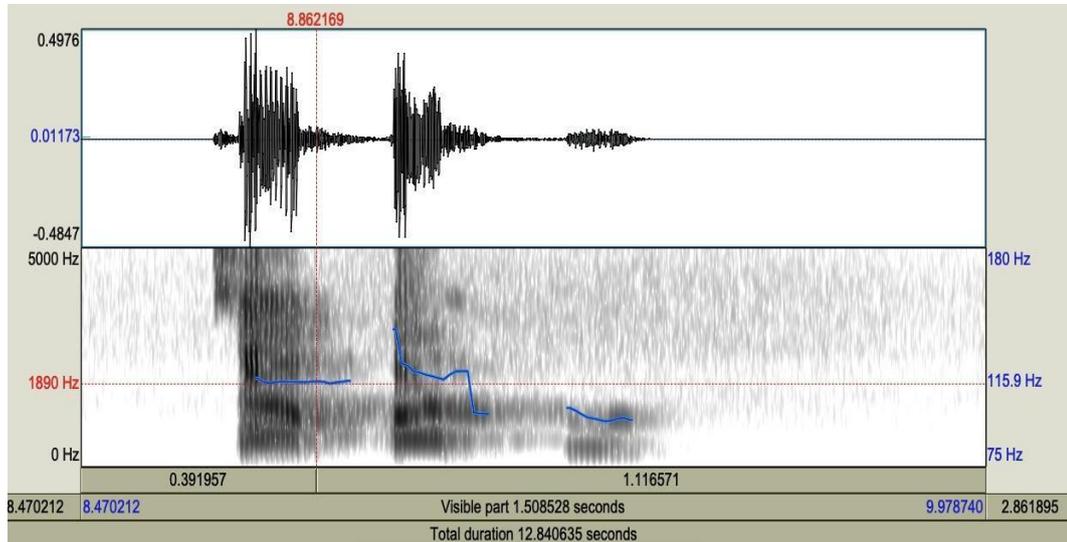
Português

Tikuna

[sa.pa.to]

[ʔã.pã.tú]

Figura 5



Como evidenciamos por meio dessa figura, $[sa.pa.to] \rightarrow [f\tilde{a}.p\tilde{a}.t\grave{u}]$, as palavras emprestadas têm sempre um tom baixo no final e as outras sílabas apresentam tom médio.

Outro caso também podemos anotar no item ilustrado a seguir:

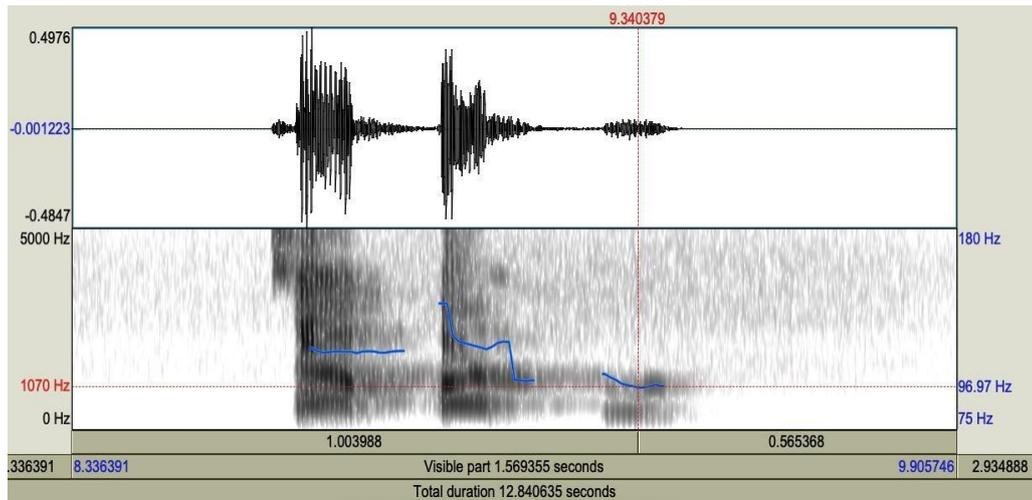
Português

[pa.nɛ.la]

Tikuna

[pā.nē.rà]

Figura 6



Neste dado notamos que algo bem parecido ocorreu, como acontece com o dado anterior. Dessa forma, de igual maneira, a palavra tem o contorno um tom médio (M), médio (M), baixo (B).

Em suma, se nos casos analisados anteriormente as palavras emprestadas se conformaram à gramática do tikuna, aqui o fato foi outro: uma nova gramática de acento tonal previsível surgiu.

Tikuna, contato e perda linguística: considerações finais

Este trabalho descreveu alguns aspectos da adaptação fonológica de palavras do português em uso no tikuna. Vimos que as palavras do português se adaptam ao sistema de fonemas e ao tipo silábico do tikuna. No entanto, as palavras adaptadas recebem um acento tonal, isto é, um contorno tonal ML (médio baixo). Tikuna é uma língua tonal e estas palavras recebem, portanto, uma nova gramática em que o tom é previsível.

Atualmente, como observamos anteriormente, há a presença de bilinguismo é comum nas comunidades Tikuna, sendo que algumas já não falam mais a língua nativa. Neste contexto, o uso de code switching é bastante grande. Podemos supor que as palavras adaptadas entraram para o léxico do tikuna quando o bilinguismo não era predominante. É interessante observar que a adaptação tonal envolve o surgimento de uma nova gramática de acento tonal para o grupo de palavras que não tem origem tikuna.

Thomason & Kaufman (1988, p. 74-75), dividem o empréstimo em cinco tipos diferentes como se ver a seguir nas palavras de pesquisadores;

- (1) Contato casual: empréstimo lexical. Palavras de vocabulário não básico são emprestadas.¹⁹
- (2) Contato ligeiramente mais intenso. Para linguistas neste tipo de contato tem-se uma leve interferência estrutural em relação às palavras funcionais, como por exemplo, conjunções e várias partículas adverbiais das palavras. Pode ainda haver aparecimento de novos fonemas com novos fones, mas apenas em empréstimos.²⁰
- (3) Contato mais intenso. Pode haver empréstimos de morfemas.²¹

¹⁹ (1) Casual contact: lexical borrowing only Lexicon: Content words. For cultural and functional (rather than typological) reasons, non-basic vocabulary will be borrowed before basic vocabulary.

²⁰ (2) Slightly more intense contact: slight structural borrowing Lexicon: Function words: conjunctions and various adverbial particles. Structure: Minor phonological, syntactic, and lexical semantic features. Phonological borrowing here is likely to be confined to the appearance of new phonemes with new phones, but only in loanwords. Syntactic features borrowed at this stage will probably be restricted to new functions (or functional restrictions) and new orderings that cause little or no typological disruption.

²¹ More intense contact: slightly more structural borrowing Lexicon: Function words: adpositions (prepositions and postpositions). At this stage derivational affixes may be abstracted from borrowed words and added to native vocabulary; inflectional affixes may enter the borrowing language attached to, and will remain confined to, borrowed vocabulary items. Personal and demonstrative pronouns and low numerals, which belong to the basic vocabulary, are more likely to be borrowed at this stage than in more casual contact situations. Structure: Slightly less minor structural features than in category (2). In phonology, borrowing will probably include the phonemicization, even in native vocabulary, of previously allophonic alternations. This is especially true of those that exploit distinctive features already present in the

- (4) Forte pressão cultural. Para os pesquisadores, nesta fase o empréstimo fonológico inclui a introdução de novos traços distintivos e talvez a perda de alguns contrastes; novas restrições de estrutura de sílaba, também no vocabulário nativo”.

22

- (5) Pressão cultural muito forte. Neste caso, para os autores acontece regras morfofonêmicas; mudanças fonéticas e fonológicas, perda de contrastes fonêmicos e de regras morfofonêmica; mudanças nas regras de estrutura de palavras (por exemplo, adição de prefixos em um idioma que era exclusivamente de sufixo ou uma mudança de morfologia flexional para aglutinativa); alterações de ordem categorial, bem como mais extensas na morfossintaxe (por exemplo, desenvolvimento de morfossintaxe ergativa); e adição de regras de concordância, incluindo elementos pronominais.²³

Não sabemos neste momento com certeza se houve ou não alguma alteração estrutural no tikuna, pois nosso estudo neste momento foi apenas lexical. Os dados indicam, entretanto, neste momento, o nível (1) para tikuna, uma vez que houve acomodação total à gramática do tikuna do novo léxico. E dado o fato de que atualmente há bilinguismo, empréstimo estrutural não é mais esperado. Enfim, a língua resistiu.

No entanto, o surgimento de uma nova gramática tonal das palavras emprestadas sugere adaptação fonológica pode ser mais que busca de equivalências no nível fonológico. E este tópico merece mais investigação futura.

borrowing language, and also easily borrowed prosodic and syllable structure features, such as stress rules and the addition of syllable-final consonants (in loanwords only). In syntax, a complete change from, say, SOV to SVO syntax will not occur here, but a few aspects of such a switch may be found, as, for example, borrowed postpositions in an otherwise prepositional language (or vice versa).

²² Strong cultural pressure: moderate structural borrowing Structure: Major structural features that cause relatively little typological change. Phonological borrowing at this stage includes introduction of new distinctive features in contrastive sets that are represented in native vocabulary, and perhaps loss of some contrasts; new syllable structure constraints, also in native vocabulary; and a few natural allophonic and automatic morphophonemic rules, such as palatalization or final obstruent devoicing. Fairly extensive word order changes will occur at this stage, as will other syntactic changes that cause little categorial alteration. In morphology, borrowed inflectional affixes and categories (e.g., new cases) will be added to native words, especially if there is a good typological fit in both category and ordering.

²³ Very strong cultural pressure: heavy structural borrowing Structure: Major structural features that cause significant typological disruption: added morphophonemic rules; phonetic changes (i.e., subphonemic changes in habits of articulation, including allophonic alternations); loss of phonemic contrasts and of morphophonemic rules; changes in word structure rules (e.g., adding prefixes in a language that was exclusively suffixing or a change from flexional toward agglutinative morphology); categorial as well as more extensive ordering changes in morphosyntax (e.g., development of ergative morphosyntax); and added concord rules, including bound pronominal elements.

Em suma, no tempo presente, nesta geração atual, o povo tikuna conta com a implantação de ensino escolar e com a saída de muitos adolescente, jovens e adultos para as cidades onde a língua é totalmente o português. Cada vez mais o bilinguismo é prevalente. Em algumas comunidades o tikuna deixou de ser falado.

Além das instalação de ensino escolar em todas as comunidades indígenas tikuna, há também a presença das igrejas que por um lado interfere a vivência do povo tikuna segundo a sua visão tradicional. Como também presença do povo Kokama e Cambeba que são falantes da língua portuguesa.

O tikuna apresenta uma situação em que não há possibilidade alguma de criouliização, mas há a possibilidade de troca de língua para o português. E, portanto, há o perigo de extinção total da língua tikuna. Portanto, projetos de fortalecimento e valorização do tikuna na escola são urgentes para que esta língua continue resistindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Lambert. **Ticuna vowels with special regard to the system of five Tonemes**. Summer Institute of Linguistic, 1959.

ANGARITA, Abel Antônio Santos-Watchãucü. **Hacia Una Dialectologia Tikuna del Trapézio Amazônico colombiano** – Carrera de lingüística. Universidad Nacional de Colômbia – UNC, sede Letícia. 2004-2005.

BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. **Contato linguístico Tikuna -Português no Alto Solimões-Amazonas: um estudo sobre a variedade de português falada por professores Tikuna** / Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio. -- Rio de Janeiro, 2019.

BRAGA, Rafael Saint-Clair Xavier Silveira. **As interrogativas em Ticuna: propondo o movimento encoberto/** Rafael Saint-Clair Xavier Silveira Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2010.

BRASIL. [Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CARVALHO, Fernando Orphão de. **Estruturas Fonéticas da língua Tikuna: Um estudo acústico preliminar**. Dissertação de mestrado. Universidade Nacional de Brasília-UnB, Instituto de Letras. Brasília, 2010.

CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. Dissertação (Mestrado). **Atitudes Linguísticas de Universitários Tikuna: Uma análise da situação do contato português/Tikuna**. Instituto de Letras, Niterói. 2017.

CÂMARA JR., J. M. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro, ao Livro Técnico, 1977. Edição original: 1965.

COLLISCHONN, Gisela. **O acento em português**. In: BISOL, L (Org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

COLLISCHONN, Gisela. **O epêntese vocálico no português do sul do Brasil: Análise variacionista e tratamento pela teoria da otimalidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS, Porto Alegre – 2000.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, Ecologia e Ecolinguística: contato de línguas /** Hildo Honório do Couto. - 2. ed. - São Paulo: contexto, 2012.

FLORES, Sansão Ricardo Flores. **Concepções linguísticas e luta política. Povo e língua Tikuna e políticas de língua na região do Alto Solimões**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

GOMES-PULGARÍN, Wilson Eduardo. **Rasgos Linguísticos en Relatos Míticos Tikuna: una Caracterización**. Universidad Nacional de Colombia – Bogotá, 2014.

GROSJEAN, François. Artigo. **The bilingual individual**. *Interpreting* 2: 1-2 (2007), 163-187. 1997.

LOWE, Ivan. **Tikuna Phonemic**. Summer Institute Of Linguistic. July, 1960.

MATEUS, Maria Helena Mira, d'Andrade, Ernesto - **The phonology of portuguese Oxford**: University Press, 2000.

MATEUS, Maria Helena Mira, d'Andrade, Ernesto - **"Prosódia". Gramática da Língua Portuguesa**. 5.ª ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 1035-1077.

MANZOLILLO, Vitor César de Oliveira. artigo científico. **Empréstimo Linguístico: o qu é, como e por que se faz**. XVIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA. UERJ/USP, 2014.

MATTOSO CÂMARA, Jr., Joaquim. 1953. **Para o Estudo Fonêmico Portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões.

NABAROA, Nerea Leturea. **Tikunas o Ticunas: cuatro propuestas ortográficas para una lengua**. Universidad Nacional de Colômbia. LIAMES 11 -PP 145-168, 2011.

NIMUENDAJÚ, Curt, 1883-1945. Textos Indigenistas: relatório, monografias; cartas/Curt Nimuendaju; Introdução Cartas de Araújo Moreira Neto; prefácio e coordenação Paulo Suess. – São Paulo: Ed. Loyola, 1982.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **“O nosso governo”: os ticuna e o regime tutelar**. Tese de (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/UFRJ-MN, Rio de Janeiro, 1986.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **“O nosso governo”: os Ticuna e o regime tutelar / João Pacheco de Oliveira Filho**. – São Paulo: Marco Zero ; [Brasília, DF] : MCT/CNPq, 1988.

RODRIGUES, Maria Emília Montes. **Tonologia de la lengua Ticuna (Amacayacu)**. Colecciones-Universidad de los Andes-1995.

RODRIGUES, Maria Emília Montes. Artigo. **Lengua ticuna: Resultado de fonologia y morfosintaxis**. Departamento de linguística, Universida Nacional de Colombia, 2004.

SOARES, Marília Facó. **Alguns Processos Fonológicos em Tikuna**. Caderno de Estudos Linguísticos. Setor de linguística. 1986.

SOARES, Marília Facó. **Minha luta pelo meu povo - Tchorü duüüügüca' tchanu**. Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü), Reinaldo Otaviano do Carmo (Mepawecü). Editora da UFF. Niterói, 2014.

THOMASON, Sarah Grey, KAUFAMAN, Terrence. **Language Contact, Crealization, and Genetic Linguistic**. 1. Languages in contct. 2. Interference (linguistic) 3. Linguistic change. 4.

languages, mixed. 5. Comparative Linguistic. I. Kaufman, Terrence, 1837-, Title. P130. 5. T46, 1988.

THOMASON, Sarah G. **Language Contact**. Edinburgh University Press LTD 22 George Square, Edinburgh. 2001.

WILSON, Eduardo Gómez-Pulgarín. **Rasgos Lingüísticos en relatos míticos Tikuna: una caracterización**. Universidad Nacional de Colômbia, sede amazonia, Letícia, Colômbia, 2012.

https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos

Apêndices

Listas de palavras emprestadas

Lista I

Português	Transcrição no Tikuna
1. Mesa	[mẽʃà]
2. Sapato	[ʃãpātù]
3. Prato	[põrātù]
4. Panela	[pãnerà]
5. Caneca	[kãnikù]
6. Cimento	[ʃĩmẽtu]
7. Tijolo	[tidzùrũ]
8. Zinco	[dzĩŋgù]
9. Cebola	[ʃábúrà] ~ [ʃíbúrà]
10. Hora	[ŋórã]
11. Tijela	[tidzērã]
12. Bola	[mbórã]
13. Dinheiro	[ndĩjẽru]
14. Jambo	[dzẽmbũ]
15. Jaca	[dzākà]
16. Saco	[ʃākũ]
17. Pato	[pātũ]
18. Café	[kápé]
19. Bolacha	[bũrãʃã]
20. Chinelo	[ʃĩnèrã]
21. Toalha	[tʷãdzã]
22. Colher	[kũdzérã]
23. Chave	[ʃáví]
24. Cozinha	[kũʃã]
25. Cadeira	[kàdérã]
26. Seringa	[ʃĩrìgã]
27. Sabão	[ʃábẽʷ]
28. Garrafa	[gãrãpã]
29. Tarrafa	[tãrãpã]
30. Melão	[mẽrẽʷ]
31. Ferro	[fèrù]
32. Palito	[pãrítù]
33. Chicória	[ʃĩkùrã]
34. Concha	[kũʃã]
35. Açúcar	[ãʃũkãrà]
36. Motor	[mũtũrũ]

37. Pão	[põ ^w]
38. Frigideira	[fídʒidērā]
39. Caixão	[káʃfē ^w]
40. Papel	[pópérā]
41. Araçá	[óráʃā]
42. Cantor	[kātù]
43. Rapadura	[ndàpādúrà]
44. Arpão	[árāpē ^w]
45. Hortelã	[uterāw]
46. Malhadeira	[mʒédʒádérā]
47. Anel	[ēnērā]
48. Arroz	[árùʃù]
49. Macarrão	[mēkarē ^w]
50. Cozinheiro	[kúʃinērù]

Lista II

Português	Transc. Fon. em Tikuna
1. Igreja	[ĩgērēdʒà]
2. Corrente	[Kùrē ^ĩ tí]
3. Metro	[mē:tùrū]
4. Dez	[dèdʒĩ]
5. Martelo	[mèrùtērū]
6. Carneiro	[kàrúnērù]
7. Vaca	[βókā]
8. Meia	[mēdʒāpárà]
9. Boneca	[bùnèkārā]
10. Chuteira	[ʃùtérū]
11. Mamãe	[mēmē [?]]
12. Papai	[pápā [?]]
13. Apontador	[pūtadu]
14. Ouro	[ùrū]
15. Relógio	[dérùdʒū]
16. Bacia	[mbáʃà]
17. Querosene	[kērùdʒínù]
18. Gasolina	[gàdʒúrínà]
19. Copafba	[kùpá ^w vá]
20. Sereia	[ʃérèdʒā]
21. Piranha	[pírànē]
22. Cruz	[kùrúʃā]

23. Sandália	[ʃẽndá:riá]
24. Sarampo	[ʃá:rápù]
25. Linguiça	[ndĩg ^w èʃã]
26. Sinto	[ʃítùrẽ ^w]
27. Cartucho	[kàrütùʃú]
28. Moedor	[mũ ^j]
29. Maracá	[mẽrákà]
30. Bombom	[mbùbù]
31. Leite	[dèʔti]
32. Feijão	[féɖʒẽ ^w]
33. Violão	[ví ^w rẽ ^w]
34. Cururu	[kùrūrũ [?]]
35. Cavalo	[kóvárũ]
36. Lápis	[rápi]
37. Gelo	[ɖʒérù]
38. Lamparina	[dàpárinẽ]
39. Sabugueiro	[ʃàbúgérã]
40. Pedro	[pédùrũ]
41. João	[ɖʒùẽ ^w]
42. Dois	[d ^w ádʒi]